O CEGO
e outras histórias
D.H. LAWRENCE
LeBooks

D.H. LAWRENCE

O CEGO
E outras histórias

1ª edição

LeBooks

Isbn: 9786587921372

LeBooks.com.br

Prefácio

Prezado Leitor

David Herbert Lawrence ou D.H. Lawrence, como é mais conhecido, foi um controverso e prolífico escritor inglês, conhecido pelos seus romances, poemas e livros de viagens. A sua obra aborda temas considerados chocantes no início do século XX, como as relações humanas e sexualidade.

D.H. Lawrence é conhecido por ter escrito grandes clássicos como: O Amante de Lady Chaterley; Mulheres Apaixonadas, Filhos e Amantes, O Arco-Íris, entre outros, mas poucos sabem que foi também um grande contista.

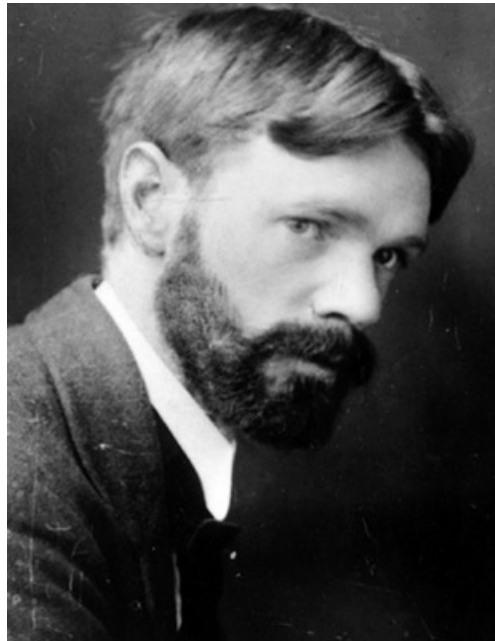
Em O Cego e outras histórias, o leitor terá oportunidade de conhecer quatro contos deste grande escritor de obras memoráveis

Uma excelente leitura

LeBooks Editora

Sumário

APRESENTAÇÃO

Sobre o autor e obra

"Para o puritano tudo é impuro"

David Herbert Lawrence nasceu em Eastwood, na Inglaterra, a II de setembro de 1885. Quarto filho de uma família de mineiros, obteve aos treze anos uma bolsa de estudo na Nottingham High School, ingressando depois no Nottingham University College, a fim de tirar o diploma de professor.

Dedicou-se ao magistério durante alguns anos, mas, após a publicação de seu primeiro romance, "O pavão branco", em 1911, no mesmo ano em que perdia a mãe, abandonou o cargo de professor para se consagrar inteiramente à literatura.

Nessa ocasião, apaixonou-se por uma senhora alemã, mulher de um dos colegas, e teve de deixar a Inglaterra, iniciando uma vida de exílio voluntário que se prolongaria até o fim da existência agitada que conheceu.

Na busca perpétua da intensidade que se adequava ao seu temperamento, vibrante e apaixonado, percorreu a Itália, a Alemanha, o Ceilão, a Austrália, os Estados Unidos, o México, o Taiti, em viagens constantes que lhe estimulavam a assombrosa capacidade criadora: o México, cujas raízes de e Mintas civilizações o impressionaram, lhe inspirou a célebre obra "A serpente emplumada"; na Austrália, escreveu "Canguru", romance marcado pelas preocupações dominantes do escritor: as relações humanas, a luta entre o homem social, coletivo, e o seu individualismo altivo e lírico.

Elevando as questões sexuais ao expoente de uma mística, Lawrence tornou-se o porta-voz profético de sua geração. Seus romances mais audaciosos nesse aspecto lhe valeram muitas incompreensões e perseguições: "O amante de Lady Chatterley" (1928, versão integral proibida na Inglaterra até 1960), "Filhos e amantes" (1913, publicado pelo Círculo), "Apenas uma mulher" e "Mulheres apaixonadas". Este último, recusado pelos editores de Londres, saiu em Nova York em 1920, embora escrito cinco anos antes.

"Mulheres apaixonadas" marca o fim último das ambições criadoras do escritor: o restabelecimento de relações íntimas do homem com as forças da natureza, e a elevação do amor físico como símbolo e plenitude da vida. Colhidos no impasse do ideal e do real, os personagens vivem a tragédia de sua própria insatisfação.

Atacado muito cedo pela tuberculose, doença que provavelmente despertou o impressionante frenesi espiritual presente em sua obra, D. H. Lawrence morreu em Vence, na Riviera francesa, em 1930. Mantida numa relativa obscuridade durante os anos que se seguiram à sua morte, a obra de Lawrence é hoje considerada um monumento literário, poderosa ainda nos prolongamentos que teve nos livros de outros escritores que, como André Malraux, se lhe sentem profundamente devedores e filhos espirituais.

O CEGO

Isabel Pervin estava à escuta de dois sons: do som das rodas na estrada, lá fora, e do rumor dos passos do marido, no vestíbulo. O seu amigo mais velho e estimado, um homem que parecia quase indispensável à sua vida, devia chegar naquele anoitecer chuvoso de fins de novembro. A carripana tinha ido buscá-lo à estação. E o marido, que tinha perdido a vista na Flandres e apresentava na fronte uma cicatriz que o desfigurava, devia entrar em casa, vindo dos barracões.

Fazia agora um ano que regressara a casa, completamente cego. E, contudo, tinham sido muito felizes. A Granja era propriedade de Maurício. Na parte traseira ficava a quinta com edifícios, onde os Wernhams, que viviam desse lado, trabalhavam como quinteiros. Na bonita residência da frente vivia Isabel com o marido. Ambos tinham passado quase inteiramente sós, desde que ele fora ferido. Conversavam, cantavam e liam juntos, numa esplêndida e inefável intimidade. Depois, satisfazendo um velho interesse, ela fazia a crítica de livros para um jornal escocês, e ele ocupava-se bastante da herdade. Embora privado da vista, discutia tudo com Wernham e fazia também muito trabalho por ali — trabalho miúdo, é certo, mas que lhe dava satisfação. Mungia as vacas, transportava para dentro os baldes, movia a desnatadeira e tratava dos porcos e cavalos. A vida era ainda bem cheia e estranhamente serena para o cego, pacificado pela paz quase incompreensível do contacto imediato com as coisas, nas trevas. Na mulher possuía então um mundo completo, rico, real e invisível.

Eram felizes, de uma maneira nova e vaga. E ele nem sequer lamentava a perda da vista, nesses tempos de sombria, palpável alegria. Inflamava a alma uma suave exultação.

Mas à medida que o tempo se escoava, acontecia por vezes que este precioso encantamento lhes fugia. Algumas vezes, depois de meses desta intensidade, uma sensação de peso se apoderava de Isabel, um cansaço, um terrível *ennui*, naquela casa silenciosa a que conduzia uma dupla colunada de pinheiros alterosos. Então

julgava que ia enlouquecer, pois não podia suportar tal coisa. Outras vezes, acometiam-no devastadores acessos de depressão, que pareciam ir destruir todo o seu ser. Era pior do que a depressão — era um sofrimento sombrio em que toda a sua vida se transformava numa tortura para ele e a sua presença se tornava insuportável para a mulher. A esta, um pavor lhe penetrava até às raízes da alma, quando chegavam estes dias sombrios. Numa espécie de pânico, procurava então consubstanciar-se ainda mais com o marido. E forçava a velha satisfação e alegria espontânea a continuar. Mas o esforço que isso lhe custava era quase insustentável. Sabia que o não podia aguentar. Sentia que essa tensão lhe iria arrancar gritos, e daria tudo para o evitar. Ansiava por possuir totalmente o marido; dava-lhe uma alegria desordenada tê-lo inteiramente para si. E, contudo, quando de novo ele se deixava apoderar por um sofrimento sombrio e maciço, não podia suportá-lo, não podia suportar-se a si própria. Desejava então desaparecer de vez da face da terra, tudo menos viver a tal custo.

Atordoada, procurava então uma saída. Convidava pessoas amigas, procurava dar-lhe qualquer nova ligação com o mundo exterior. Mas de nada valia. Depois de toda a sua alegria e sofrimento, depois do seu sombrio, do seu longo ano de cegueira, solidão e indizível proximidade, as outras pessoas pareciam-lhes, a ambos, superficiais, tagarelas, bastante impertinentes. A tagarelice superficial parecia-lhes balofa. Ele ficava impaciente e irritado, ela cansada. E então recaíam na solidão, pois a preferiam.

Mas agora, dentro de algumas semanas, devia nascer-lhe um segundo filho. O primeiro morrera ainda pequenino, quando o marido partiu para França, e ela antecipava com alegria e alívio a vinda do segundo. Seria a sua salvação. Mas sentia ao mesmo tempo, uma certa ansiedade. Tinha trinta anos e o marido era um ano mais novo do que ela. Ambos desejavam muito a criança e, contudo, Isabel não podia deixar de sentir receio. Tinha o marido nas mãos, o que representava para ela uma alegria terrível e um fardo aterrador. A criança viria ocupar o seu amor e atenção. E depois, o que aconteceria a Maurício? O que faria ele? Se ao menos pudesse prever que também ele teria paz e se sentiria feliz quando a criança viesse! Desejava muito expandir-se numa rica satisfação

física de maternidade. Mas o homem, o que faria ele? Como poderia providenciar a seu respeito, afastar aqueles seus sombrios e devastadores e estados de espírito, que os aniquilavam a ambos?

Suspirava de medo. Mas desta vez Bertie Reid escreveu a Isabel. Era um velho amigo, seu primo segundo ou terceiro, escocês, como ela. Tinham sido educados juntos, ele fora através da sua vida um amigo, quase um irmão, mas melhor do que os seus próprios irmãos. Amava-o — embora não com o fito no casamento. Havia parentesco entre os dois, afinidade. Entendiam-se um ao outro instintivamente, mas Isabel nunca teria pensado em casar-se com Bert. Isso parecer-lhe-ia casar-se na sua própria família.

Bertie era um advogado e homem de letras, um escocês de tipo intelectual, vivo, irônico, sentimental, idolatrando a mulher que amasse, mas não querendo se casar. Maurício Pervin era diferente. Descendia de uma velha família rural de boa cepa: a Granja não ficava muito longe de Oxford. Era apaixonado, sensual, talvez sensual em excesso, retraído — um homem forte, de membros pesados, cuja fronte se inflama com facilidade, porque o seu espírito era lento, como que narcotizado pelo forte sangue provinciano que lhe corria nas veias. Era-lhe bastante penosa a sua lentidão mental, pois tinha sentimentos rápidos e agudos. De forma que constituía precisamente o oposto de Bertie, cujo espírito era muito mais rápido que as suas emoções, pouco apuradas.

Desde que se conheceram, os dois homens não gostaram um do outro.

Isabel desejava que se dessem, mas que não aconteceu. Pensava ela que, desde que viessem a compreender-se um ao outro, poderiam dar-se muitíssimo bem. Contudo, não sucedeu assim. Bertie adoptou uma atitude levemente irônica, muito ofensiva para Maurício, que retribuiu a ironia escocesa com ressentimento inglês, um ressentimento que algumas vezes se exacerbava em ódio estúpido.

O caso era um tanto embaraçoso para Isabel. Todavia, aceitou-o com o andar do tempo. Os homens eram de natureza caprichosa e não razoável. Por conseguinte, antes de Maurício partir para a França pela segunda vez, entendeu que, por causa do marido, devia interromper a amizade com Bertie. E escreveu ao advogado neste

sentido. Bertram Reid respondeu simplesmente que neste caso, como em todos os outros, obedeceria ao seu desejo, se este era na verdade o seu desejo.

Durante perto de dois anos nada se passara entre os dois amigos. Isabel regozijava-se um tanto com isso; não se arrependia. Um dos seus grandes artigos de fé era que o marido e a mulher importam tanto um ao outro, que o resto do mundo não conta absolutamente nada. Ela e Maurício eram marido e mulher. Amavam-se um ao outro. Haviam de ter filhos. Por conseguinte, todas as pessoas e todas as coisas mais deviam desvanecer-se, como insignificantes, fora desta felicidade matrimonial. Confessava-se feliz e pronta a receber os amigos de Maurício. Era feliz e pronta: a esposa feliz, a mulher pronta de possuir. Sem saber por que, os amigos retiraram-se desconcertados, e não voltaram. Claro que Maurício tirava tanto prazer como Isabel desta absorção matrimonial.

Compartilhava das atividades literárias de Isabel, e ela cultivava um interesse real pela agricultura e pela criação de gado. Porquanto, sendo no fundo talvez uma emotiva, cultivava sempre o lado prático da vida e ufanava-se de dominar as questões práticas. Assim o marido e a mulher tinham passado os cinco anos da sua vida de casados, o último dos quais fora um ano de cegueira e de inefável intimidade. E agora Isabel sentia-se invadida por uma grande indiferença, uma espécie de letargia. Queria que a deixassem ter o seu filho em paz e sentir o tempo escoar-se dia a dia, vagamente, fisicamente, cabeceando à lareira. Maurício era como uma nuvem ameaçadora de trovoada. Tinha de se conservar desperta, não o esquecer nunca. Ao receber a missiva de Bertie, pedindo-lhe para levantar a pedra do túmulo da sua morta amizade e falando-lhe na pena verdadeira que sentia por seu marido ter perdido a vista, ela sentiu uma angústia, uma agitação alvoroçada de despertar. E leu a carta a Maurício.

— Pede-lhe para vir.

— Pedir a Bertie para vir aqui!?

— Sim, se lhe agradar.

Isabel calou-se por alguns momentos.

— Sei que é isso o que ele quer; que lhe daria grande prazer —

replicou. — Mas tu, Maurício? Gostarias disso?

— Gostaria.

— Bem... Nesse caso..., Mas parecia-me que não gostavas dele...

— Oh, não sei. Talvez que pense de maneira diferente a seu respeito agora — replicou o cego. Era um tanto abstruso para Isabel.

— Bem, meu querido, se tens bem a certeza...

— Tenho a certeza. Diz-lhe que venha.

De forma que Bertie vinha, naquela noite, através da chuva e da escuridão de novembro. Isabel estava agitada, oprimida pela sua velha inquietude e indecisão. Sofrerá sempre desta dor da dúvida, de um sentimento aflitivo de incerteza, que começara a desvanecer-se na letargia da maternidade. Agora voltava, e ela sofria com isso. Lutava, como de costume, para manter a sua atitude calma, composta e amigável, uma espécie de máscara que usasse sobre todo o corpo.

Uma criada acendeu um candeeiro alto ao lado da mesa, e pôs a toalha. A ampla sala de jantar estava escassamente iluminada, com o seu mobiliário elegante, mas um tanto severo. Só a mesa redonda recebia da luz um brilho suave, que produzia um belo efeito. A toalha branca cintilava, com os seus pesados cantos bordados caídos quase até ao tapete, a louça era antiga e bela, cor de creme, com um desenho a vermelho vivo e azul escuro, as chávenas grandes e em forma de sino, o bule elegante. Isabel lançou a tudo isto um olhar de passageiro apreço.

Estava nervosa. Olhou de novo, automaticamente, as altas janelas sem cortinas. Apenas pôde perceber ao lusco-fusco, que rapidamente desaparecia lá fora, um enorme abeto baloiçando os ramos: era como se ela o pensasse, mais do que o visse. A chuva veio bater nas vidraças. Ah! por que razão não tinha paz? Estes dois homens, por que motivo a atormentavam? Por que não vinham? Por que havia esta incerteza? Permanecia numa lassidão que era, na realidade, irritação e incerteza. Maurício, pelo menos, podia vir... não havia razão para estar lá fora. Pôs-se de pé. Vendo-se refletida num espelho, olhou-se de relance com um breve sorriso de cognição, como se fosse uma velha amiga de si própria. O seu rosto

era oval e calmo, o nariz levemente arqueado. O pescoço descia para os ombros numa curva graciosa. O cabelo enrolado descuidadamente atrás, dava-lhe um certo ar quente, maternal. Pensando nisto, arqueou as sobrancelhas e levantou as pálpebras um tanto pesadas, com um ligeiro esboço de sorriso, e durante um momento os seus olhos cinzentos pareceram divertidos e travessos, um tanto sardônicos, na face transfigurada de Madona.

Depois, recuperando o seu ar de paciência feminil — estava, na realidade, fatalmente decidida — dirigiu-se para a porta, com um ligeiro empuxão. Tinha os olhos um pouco avermelhados.

Passou o amplo vestíbulo, em baixo, e atravessou a porta ao fundo. Então encontrou-se no recinto da herdade. O cheiro da vacaria, da cozinha da herdade, do pátio da herdade e de cabedal quase a estonteou: mas particularmente o cheiro da vacaria. Tinham estado a esfregar as panelas. O corredor lajeado, na sua frente, estava escuro, enlameado e húmido. Saía luz pela porta aberta da cozinha. Isabel avançou e ficou de pé no limiar. O pessoal da herdade ceava, sentado a pouca distância dela, em redor duma mesa comprida e estreita, ao centro da qual havia um candeeiro branco. Rostos corados, mãos tisnadas segurando a comida, bocas vermelhas mastigando, cabeças inclinadas sobre as chávenas: homens, raparigas do campo, rapazes. Era a hora da ceia, a hora de comer. Algumas caras repararam nela. A senhora Wernham, dando voltas por detrás das cadeiras com um grande bule preto, fez uma ligeira paragem, não dando pela sua presença ali; durante alguns instantes. Depois, voltou-se subitamente.

— Oh, é a senhora! — exclamou. — Faz favor de entrar, faz favor de entrar! Estamos a cear. — E adiantou-lhe uma cadeira.

— Não, não entro — disse Isabel. — Não queria interromper a vossa refeição.

— Não, não; não interrompe nada, minha senhora.

— Sabe se o senhor Pervin já entrou?

— Palavra que não lhe sei dizer! Precisava dele, minha senhora?

— Não, só queria que viesse para casa — disse Isabel, rindo com ar de acanhamento.

— Quer que o mande chamar, quer? Vai lá, rapaz... vai lá...

A senhora Wernham bateu no ombro de um dos rapazes, que começou a levantar-se, mastigando com a boca cheia.

— Creio que está no estábulo da ponta — disse outra boca, de ao pé da mesa.

— Oh! Não, não te levantes. Eu vou lá — disse Isabel.

— Não se meta a uma noite tão má como esta, minha senhora. Deixe ir o rapaz. Mexe-te, rapaz — disse a senhora Wernham.

— Não, não — insistiu Isabel, com uma decisão que se fazia sempre obedecer.

— Continua lá com a tua ceia, Tomás. Gosto de ir até ao estábulo senhora Wernham.

— Já viram uma coisa destas!? exclamou a mulher.

— Não acha que o carro se está a demorar? — perguntou Isabel.

— Não, minha senhora — disse a senhora Wernham, consultando na meia obscuridade o relógio distante e alto. — Não, minha senhora, deve ainda demorar um bom quarto de hora ou vinte minutos.

— Sim! Parece mais tarde, quando a noite vem tão cedo.

— Lá isso vem, isso vem. Que aborrecidos dias, que passam tão depressa — respondeu a senhora Wernham. — Que seca

— Tem razão — disse Isabel, saindo.

Calçou os sapatos impermeáveis, embrulhou-se num grande xaile de lã axadrezado, pôs na cabeça um chapéu de feltro de homem, e lançou-se através do primeiro pátio. A noite estava muito escura. O vento fazia ramalhar os grandes ulmeiros que ficavam por detrás dos cobertos. Quando chegou ao segundo pátio, a escuridão parecia ainda maior. Isabel não sabia onde punha os pés, e lamentou não ter trazido uma lanterna. A chuva vinha tocada com ela. Em parte, sentia prazer com isso; em parte, faltavam-lhe as forças para lutar.

Alcançou pôr fim a porta do estábulo, que se via com dificuldade. Em parte alguma se divisavam sinais de luz. Abrindo o postigo, olhou para dentro. Era um puro abismo de trevas. O cheiro dos cavalos, do amoníaco e da transpiração sobressaltava-a, naquela noite cerrada. Escutou, toda ouvidos, mas só pôde ouvir a noite e os movimentos dum cavalo.

— Maurício — chamou musicalmente e com brandura, muito embora estivesse cheia de medo.

— Maurício! — Estás aí?

Nada saiu da escuridão. Sabendo que a chuva e o vento caíam sobre os cavalos, a quente vida animal, e pensando que isso os podia prejudicar, entrou no estábulo e fechou a parte inferior da porta, segurando o postigo. Não se moveu, porque sentia a presença das ancas dos cavalos, embora os não visse, e tinha receio. Qualquer coisa de estranho lhe agitava o coração. Escutou atentamente. Então ouviu um ligeiro ruído a distância — parecia que muito longe — o tinir duma panela e uma voz de homem dizendo uma breve palavra. Devia ser Maurício, na outra parte do estábulo. Ficou imóvel, esperando que ele viesse através da porta da divisória. No escuro, os cavalos encontravam-se tão perto dela que lhe causavam terror.

O fecho da porta interior, rangendo alto, sobressaltou-a. A porta abriu-se. Ouvia agora e sentia o marido entrar, passando invisível, no escuro, entre os cavalos que se encontravam perto dela. O som um tanto baixo da sua voz, falando aos cavalos, atuou como um veludo sobre os nervos de Isabel.

Quão perto se encontrava, e quão invisível! A escuridão parecia agitada num estranho turbilhão de vida violenta, desabando sobre ela. Andou-lhe a cabeça à roda.

Mas a sua presença de espírito fê-la chamar, em tom calmo e musical:

— Maurício! Maurício, meu querido

— O que é Isabel?

Não vendo absolutamente nada, o som da voz do marido pareceu tocá-la.

— Olá — respondeu alegremente, apurando a vista para o ver. Continuava ocupado, tratando dos cavalos perto dela, mas Isabel apenas via escuridão. Isto quase a fez desesperar.

— Não vens para casa, querido?

— Sim, vou já. É só meio minuto. Espera um pouco agora. O carro ainda não veio, pois não?

— Ainda não.

A voz do marido era agradável e vulgar, mas sugeria-lhe

vagamente a ideia duma voz impessoal, vinda do estábulo. Desejava que ele se viesse embora. Enquanto se encontrasse tão completamente invisível, teria receio dele.

— Que horas serão?

— Ainda não são seis — replicou Isabel. Desagradava-lhe responder para o escuro. Depois ele aproximou-se muito dela, que se retirou para fora da porta.

— O mau tempo entra cá dentro — disse, avançando com firmeza e procurando a porta às apalpadelas. Isabel retrocedeu, e pôde vê-lo por fim, obscuramente.

— Bertie não vai ter um bom passeio — disse ele, fechando a porta.

— Com certeza que não! — respondeu Isabel calmamente, firmando os olhos no vulto escuro que se encontrava à porta, e acrescentou:

— Dá-me o teu braço, querido.

Enquanto caminhava, apertava o braço de encontro a si. Mas ansiava por vê-lo, por olhá-lo. Estava nervosa. Ele caminhava ereto, com a face levantada, mas com um curioso movimento tateante das pernas musculosas e possantes. Isabel sentia o contacto forte, cuidadoso e hábil dos pés sobre a terra, enquanto se equilibrava a seu lado. Durante um momento, o marido foi para ela uma torre de escuridão, como se brotasse da terra.

No corredor da casa, ele vacilou e caminhou cautelosamente, envolvido num curioso alo de silêncio, enquanto procurava o banco. Então sentou-se pesadamente. Era um homem de ombros um tanto arqueados, mas com pesados membros, com possantes pernas que pareciam conhecer a terra. A cabeça era pequena, normalmente erguida e leve. Inclinando-se para desabotoar as polainas e as botas, não parecia cego. O cabelo era castanho e crespo, as mãos grandes, tisnadas e inteligentes, com veias salientes nos pulsos; e as coxas e joelhos pareciam maciços. Quando se encontrava de pé, o rosto e o pescoço intumesciam-se de sangue e as veias sobressaíam-lhe nas fontes.

Isabel não prestava atenção à sua cegueira. Conservava-se sempre alegre, uma vez atravessada a porta divisória que colocava os dois nos seus domínios de repouso e beleza. Tinha um pouco de

receio dele, lá fora, na grosseria animal da herdade. Mas o comportamento do marido também mudava, ao aspirar o odor familiar, indefinível que pairava no ambiente onde vivia a esposa, um cheiro delicado, esquisito, muito levemente perfumado. Vinha talvez das taças de pot-pourri.

Deteve-se no patamar da escada, imóvel, escutando, e o coração de Isabel confrangeu-se, ao vê-lo. Parecia escutar o destino.

— Ainda não está — disse — Vou lá acima mudar de fato.

— Maurício, não estás arrependido de ele ter vindo, pois não?

— Não sei bem dizer. Sinto-me um pouco na situação de que vive.

— Não vejo razão para isso — respondeu, e, indo junto dele, beijou-o na face. Viu abrir-se lhe a boca num sorriso lento.

— De que te ris? — disse em tom travesso.

— De estares a confortar-me.

— Não. Por que te havia eu de confortar? Sabes que nos amamos um ao outro

— Sabes quão casados estamos! Que importa o resto?

— Absolutamente nada, minha querida.

Procurou a face da esposa e tocou-a, sorrindo.

— Estás bem; não estás? — perguntou ele, ansiosamente.

— Estou maravilhosamente bem, amor. É por ti que às vezes me sinto um pouco perturbada.

— Como por mim? — disse, tocando-lhe levemente as faces com as pontas dos dedos. O toque teve para ela um efeito quase hipnotizador.

O cego foi-se embora pela escada acima. Ela viu-o subir para a escuridão, sem vista, imperturbável. Ignorava que as luzes do corredor se encontravam apagadas. Penetrou na escuridão a passo firme. Isabel ouviu-o na casa de banho.

Com tudo às escuras, Pervin movia-se quase inconscientemente no seu ambiente familiar. Parecia conhecer a presença dos objetos, antes de lhes tocar. Era para ele um prazer mover-se assim através de um mundo de coisas, transportado pela torrente numa espécie de presciência do sangue. Não pensava muito, não se perturbava muito. Enquanto conservasse este puro

sentido do contacto do sangue com um mundo substancial, sentia-se feliz, dispensava a intervenção da consciência visual. Neste estado, havia um certo positivismo rico, roçando algumas vezes pelo êxtase. A vida parecia mover-se dentro dele como uma maré, rolando, e subindo, envolvendo todas as coisas sombriamente. Era um prazer estender a mão e encontrar o objeto invisível, agarrá-lo, e possuí-lo em puro contacto. Não procurava recordar, visualizar. Não o queria. A nova forma de consciência instalara-se nele.

O rico influxo deste estado mantinha-o geralmente feliz, atingindo a sua culminação na paixão devoradora pela esposa. Mas, por vezes, dir-se-ia que a onda era sustada e repelida. Então quebrar-se-ia no seu íntimo como um mar de correntes desencontradas, e ele sofria a tortura do caos devastado do seu próprio sangue. Começou a temer esta detenção, esta repulsa, este caos dentro de si próprio, em que parecia encontrar-se puramente à mercê dos seus poderosos elementos em luta. Encontrar certa medida de domínio ou segurança, era o problema a resolver. E quando o problema surgia, desvairando-o, ele cerrava os punhos, como se para compelir todo o universo a submeter-se lhe. Mas era em vão. Nem mesmo era capaz de se compelir a si próprio.

Naquela noite, porém, encontrava-se ainda sereno, muito embora o invadissem pequenos tremores de desespero inconsciente. Quando se barbeou, teve de manejar muito cuidadosamente a navalha, pois não a dominava, tinha medo dela. Tinha também o ouvido muito apurado. Ouvia a mulher a acender as lâmpadas do corredor, e cuidando do lume no quarto do hóspede. Depois, quando se dirigia ao seu quarto, ouviu chegar o carro. Seguidamente, veio a voz de Isabel, subindo de tom e chamando, como um sino em repique:

— És tu, Bertie? Então vieste?

E uma voz de homem respondeu através do vento:

— Olá, Isabel! Então como estás?

— Tiveste um péssimo fim de viagem, pois não? Foi pena não te podermos mandar uma carruagem fechada. Sabes? Não sou capaz de te ver.

— Aqui vou. Não gostei do passeio; fez-me lembrar Perthshire. Então, como estás tu? Pareces bem, como sempre — na medida

em que posso ver.

— Estou bem, sim — disse Isabel. — Estou mesmo muito bem. E tu, como estás? Parece que um tanto magro...

— Bastante cansado — toda a gente o diz. Mas estou bem, Ciss. E Pervin, como vai?... ele não está cá?

— Está, sim, lá em cima a mudar de roupa. Vai muito bem. Despe essa roupa molhada; eu mando-a pôr a secar.

— E como vão os dois, quanto à disposição? Ele não se sente aborrecido?

— Não... não; de forma alguma. Pelo contrário. Temos sido muitíssimo felizes, incrivelmente felizes. Nem sei compreender como... é uma coisa admirável: a intimidade, a paz...

— Oh, muito bem! Folgo muito com isso...

Seguiram, e Pervin não ouviu mais nada. Mas uma sensação infantil de desolação se apoderara dele, ao ouvir as suas vozes sacudidas. Parecia excluído, como uma criança que se deixa de parte. Sentia-se ir à deriva, sem saber o que havia de fazer de si. Apoderou-se dele a invencível desolação. Enquanto se vestia, tateava nervosamente, num estado de quase infantilidade. Desagradava-lhe o sotaque escocês da fala de Bertie, e a sua imitação imperceptível por parte de Isabel. Desagradava-lhe o som ligeiramente arrastado, de complacência, na fala escocesa. Desagradava-lhe profundamente a maneira fácil com que Isabel falava da felicidade e intimidade deles. Isto fê-lo retrair-se. Sentia-se irritado e posto à margem como uma criança; tinha a nostalgia quase infantil de ser incluído no círculo da vida. E ao mesmo tempo era um homem, sombrio, possante e enfurecido pela sua deficiência. Devido a esta falha fatal, não podia ter existência autônoma, tinha que depender do apoio de outrem. E era esta dependência que o encolerizava. Odiava Bertie Reid, e sabia ao mesmo tempo que esse ódio era insensato, que era o produto da sua própria fraqueza.

Desceu a escada. Isabel estava só, na sala de jantar. Viu-o entrar, de cabeça ereta, os pés tateando. Tinha um aspecto tão sanguíneo e sadio e, ao mesmo tempo, frustrado! Frustrado: era a palavra que pairava no espírito da esposa. Talvez que fossem as cicatrizes que o sugeriam.

— O Maurício, ouviste chegar Bertie?

— Ouvi, sim; não está aqui?

— Está no seu quarto. Está muito magro e cansado.

— Creio que trabalha de mais.

Entrou uma mulher com uma bandeja, e alguns minutos depois Bertie desceu. Era um homenzinho moreno, com uma fronte muito ampla, cabelo fraco, as madeixas, e olhos grandes e tristes. A sua expressão era desmedidamente triste, quase cômica. Tinha umas pernas curtas e mal feitas.

Isabel reparou que hesitava ao entrar a porta, olhando o marido num relance nervoso. Pervin ouviu-o e voltou-se.

— Ora aqui estamos! — disse Isabel. — Bem, vamos comer.

Bertie dirigiu-se para Maurício.

— Como está, Pervin? — disse, avançando.

O cego estendeu a mão para o espaço, e Bertie apanhou-a.

— Muito bem. Temos muito prazer com a sua vinda — disse Maurício.

Isabel olhou-os de relance, e depois afastou os olhos, como se não pudesse suportar a vista deles.

— Venham. Venham para a mesa. Não têm fome? Eu cá tenho um apetite tremendo.

— Com certeza os fiz esperar — disse Bertie, quando se sentava.

Maurício tinha uma maneira curiosa, monolítica, de se sentar numa cadeira, ereto e distante. O coração de Isabel batia sempre mais forte quando o via assim.

— Não — respondeu ela a Bertie. — Pouco mais tarde é do que o costume. Costumamos ter uma pequena refeição com chá, em vez do jantar. Importas-te? Ficamos assim com um serão mais compridos, sem interrupções.

— Gosto disso — afirmou Bertie.

Maurício procurava, com movimentos curiosos e breves, quase como um gato ajeitando a cama, o seu lugar, o seu garfo e faca, o seu guardanapo, tomando assim consciência de toda a geografia do seu talher. Sentava-se ereto e imperscrutável, com um ar ausente. Bertie observava a figura estática do cego, o delicado discernimento táctil das suas mãos grandes e tisnadas, e o curioso e calmo

silêncio da fronte, acima da cicatriz. Era-lhe difícil afastar os olhos, e, sem saber o que fazia, apanhou da mesa uma pequena taça de cristal, coberta de violetas, levou-as ao nariz.

— Têm um belo aroma — disse. — Donde são?

— Do jardim, por baixo das janelas — disse Isabel.

— Com o ano tão adiantado, e cheiram tão bem! Lembras-te das violetas que ficavam junto à parede sul da casa da tia Bell?

Os dois amigos olharam-se e trocaram um sorriso, iluminando-se os olhos de Isabel.

— Então não me hei de lembrar? Era tão extravagante, a tia Bell

— Era uma curiosa velha com espírito de rapariga — disse Bertie, rindo. — Há uma veia de excentricidade na família, Isabel.

— Há — mas não em ti nem em mim, Bertie — disse Isabel. — Passa-as a Maurício, se fazes favor — acrescentou, na altura em que Bertie ia poisar as flores. — Já cheiraste as violetas, filho? Cheira! Têm um aroma tão agradável. Maurício estendeu a mão, e Bertie colocou a frágil taça junto dos seus dedos grandes, de aspecto quente. A mão de Maurício fechou-se sobre os frágeis dedos brancos do advogado. Bertie desembaraçou-se deles cuidadosamente. Então os dois observaram como o cego cheirava as violetas. Curvou a cabeça, e parecia pensar. Isabel esperava.

— Não cheiram tão bem, Maurício? — disse por fim ansiosamente.

— Muito. — E apresentou a taça, que Bertie apanhou. Tanto este como Isabel se mostravam um pouco receosos, e profundamente perturbados.

A refeição continuou. Isabel e Bertie conversavam intermitentemente. O cego mantinha-se calado. Tocava a comida repetidas vezes, de maneira rápida e delicada, com a ponta da faca, e depois comia pedaços irregulares. Não podia suportar que o auxiliassem. Tanto Isabel como Bertie sofriam: Isabel cismava por quê. Não sofria quando se encontrava a sós com Maurício. Bertie foi dar-lhe consciência de qualquer coisa de estranho.

Depois da refeição, os três sentaram-se a conversar junto do fogão. As taças foram postas numa mesa ali à mão. Isabel ajeitou os toros que ardiam, fazendo desprender-se nuvens de centelhas

brilhantes em direção à chaminé. Bertie notou um ligeiro cansaço no seu rosto.

— Será uma grande alegria para ti quando a criança nascer, Isabel — disse.

Ela olhou-o, levantando o rosto onde se esboçava um rápido sorriso descorado.

— Sim, será uma grande alegria. Parece que começa a demorar. Sim, será uma grande alegria. E para ti, Maurício, não é? — acrescentou.

— Sim, também — replicou o marido.

— Estamos os dois ansiosos por que venha — disse ela.

— Com certeza — disse por sua vez, Bertie.

Este era um celibatário, três ou quatro anos mais velho do que Isabel. Vivia numa bela residência sobranceira ao rio, guardada por um fiel criado escocês. E tinha as suas amizades entre o belo sexo — não amantes, mas amigas. Contanto que pudesse evitar qualquer perigo de galanteio ou casamento, dedicava a um certo número de mulheres sérias uma amizade constante e firme, e tinha um afeto cavalheiresco por muitas delas. Se pareciam prender-se lhe demasiado, então recuava, pronto a detestá-las. Isabel conhecia-o muito bem, conhecia a sua bela constância e bondade, bem como a sua incurável fraqueza, que o tornava incapaz de entrar num contacto íntimo de qualquer sorte. Bertie envergonhava-se de si mesmo, porque era incapaz de casar-se, de se aproximar das mulheres fisicamente. Queria fazê-lo. Mas não podia. No âmago do seu ser era tímido, incuravelmente, mesmo brutalmente tímido. Pusera de parte a esperança, deixara de acreditar na possibilidade de vencer a sua própria fraqueza. Daí resultava que era um advogado brilhante e conceituado, e um homem de letras de elevada categoria, um homem rico, um grande sucesso social, mas no âmago do seu ser, sentia-se neutro, uma nulidade.

Isabel conhecia-o bem. Desprezava-o, ao mesmo tempo que o admirava. Olhava para o seu rosto triste, para as suas perninhas curtas, e sentia desprezo por ele. Olhava para os seus olhos dum cinzento escuro, onde se refletia uma intuição misteriosa, quase infantil, e estimava-o. Ele tinha um poder de compreensão espantoso — mas ela não receava essa compreensão. Patrocinava-

o, como um homem.

E então voltava-se para a figura impassível, silenciosa do marido. Este permanecia reclinado na sua cadeira, de braços cruzados e o rosto um pouco erguido. Os seus joelhos eram direitos e maciços. Isabel suspirava, pegava no atiçador e começava de novo a atear o lume, a erguer nuvens de centelhas frágeis e brilhantes.

— Diz-me Isabel — começou Bertie a dizer — que a falta de vista não tem representado para si um sofrimento insuportável.

Maurício endireitou-se para o ouvir, mas conservava os braços cruzados.

— Não, insuportável, não. De vez em quando revoltamo-nos contra isso. Mas há compensações.

— Dizem que é muito pior a falta completa de ouvido — disse Isabel.

— Creio que sim — disse Bertie. — Há compensações? — acrescentou para Maurício.

— Sim. Deixamos de nos preocupar com muitas coisas. — E de novo Maurício endireitou o corpo estendeu os músculos fortes das costas, inclinando-se para trás, com o rosto erguido.

— E isso é um alívio — disse Bertie. — Mas o que vem compensar o aborrecimento? O que substitui a atividade?

Houve uma pausa. Por fim o cego replicou, como dando curso a uma ideia negligente, desatenta:

— Oh, não sei. Há muita coisa quando se não está ativo.

— Há? — disse Bertie. — O quê, exatamente? Sempre me tem parecido que quando não há pensamento nem ação, não há nada.

Maurício respondeu de novo vagarosamente:

— Há qualquer coisa. Não sei explicar o que.

E a conversa descaiu uma vez mais, falando Isabel e Bertie de coisas triviais e de reminiscências, com o cego silencioso.

Por fim Maurício ergueu com impaciência a sua corpulenta figura. Sentia-se rígido e entorpecido. Queria sair.

— Importam-se que eu vá falar a Wernham?

— Não; vai, filho — disse Isabel.

E ele saiu. Os dois amigos ficaram silenciosos. E por fim Bertie disse:

— Não obstante, é uma grande falta, Cissie.

— É, Bertie. Sei que é.

— Qualquer coisa cuja falta se sente a todo o momento — disse Bertie.

— Sim, bem sei. E, contudo, e, contudo... Maurício tem razão. Há qualquer coisa mais, há qualquer coisa que não sabíamos existir, e que se não pode exprimir.

— O que é? — perguntou Bertie.

— Não sei; é extraordinariamente difícil de exprimir; mas qualquer coisa de forte e imediato. Há qualquer coisa de estranho na presença de Maurício, qualquer coisa de indefinível; mas eu não poderia passar sem ela. Concordo que parece fazer-nos adormecer a mente. Mas quando estamos sós, sinto que nada me falta; parece extraordinariamente rico, quase esplêndido, sabes?

— Desculpa, mas não percebo.

Conversaram sobre umas coisas e outras. O vento soprava e uivava lá fora, a chuva rufava nas vidraças, produzindo um som de tambor, através das portas de dentro fechadas, de um dourado suave. Os toros ardiam vagarosamente, com pequenas chamas quentes, quase invisíveis. Bertie parecia sentir-se pouco à vontade; nos seus olhos havia olheiras fundas. Opulenta, na aproximação da sua maternidade, Isabel inclinava-se, olhando o lume. O seu cabelo encaracolava-se em madeixas esquisitas, que o homem olhava com agrado. Mas tinha no coração um sentimento curioso de terror antigo, de velho, infinito terror noturno.

— Suponho que todos nós temos as nossas deficiências — disse Bertie.

— Suponho que sim — disse Isabel em tom cansado.

— Infelizmente, mais cedo ou mais tarde.

— Não sei — disse ela erguendo-se. — Sinto-me perfeitamente bem, sabes? O meu futuro filho parece fazer-me indiferente, a tudo, dar-me placidez. Não posso convencer-me de que haja nada que deva perturbar-nos, sabes?

— É uma coisa boa, digo-te — replicou ele vagarosamente.

— É assim mesmo. Suponho que é coisa da Natureza. Se me convencesse de que não havia razão para me preocupar com Maurício, seria perfeitamente feliz.

— Mas te sentes necessário preocupar-te com ele?

— Bem, não sei... — disse, sofrendo com o esforço.

A noite decorria vagarosa. Isabel olhou para o relógio.

— São já quase dez horas — disse. — Onde estará Maurício? Com certeza que lá atrás já estão todos na cama. Dá-me licença, por um momento.

Saiu, voltando quase imediatamente.

— Está tudo fechado e às escuras. Onde estará ele? Com certeza que foi para a herdade...

Bertie olhou-a, e disse:

— Creio que deve estar aí a chegar.

— Creio que sim. Mas não costuma sair a estas horas.

— Queres que eu vá ver se o vejo?

— Pois sim, se te não importas. Eu iria, se... Não queria fazer esse esforço físico.

Bertie vestiu um velho sobretudo e pegou na lanterna, saindo pela porta lateral. A noite húmida e rumorosa fê-lo recuar. Um tempo assim exercia sobre ele um efeito nervoso. A excessiva humidade que havia por toda a parte fazia-o sentir-se como que imbecilizado. Embora contra vontade, continuou a andar. Um cão ladrou lhe com violência. Espreitou em todos os edifícios. Por fim, abrindo o postigo duma espécie de celeiro intermediário, ouviu o som duma máquina, e, olhando para dentro com o auxílio da lanterna, viu Maurício, em mangas de camisa, escutando de pé e segurando a manivela duma máquina de moer nabos. Tinha estado a moer beterrabas, dum monte que mal se divisava a um canto, por detrás dele.

— És tu, Wernham? — disse Maurício, escutando.

— Não, sou eu — disse Bertie.

Um grande gato cinzento, meio selvagem, roçava-se pelas pernas de Maurício. O cego inclinou-se para o afagar. Bertie observou a cena, e depois, inconscientemente, entrou e fechou a porta atrás de si. Encontrava-se dentro de um barracão alto, do qual partiam, para a direita e para a esquerda, corredores que passavam em frente do gado estabulado. Observava o movimento vagaroso do outro, inclinando-se para acariciar o gatarrão.

Maurício endireitou-se.

— Veio procurar-me?

— Isabel estava um pouco preocupada.

— Vou já. Gosto de me entreter por aqui com estes trabalhos.

O gato estendera-lhe o seu sinistro corpo felino pela perna acima, cravando-lhe as garras na coxa, afetuosamente. Maurício afastou-as de si.

— Não queria, de forma alguma, ser um estorvo para si, aqui na Granja — disse Bertie, com certo acanhamento e secura.

— Um estorvo? Não, de forma alguma. Gosto que Isabel tenha alguém com quem falar. Receio que o estorvo seja eu. Sei que não sou uma convivência muito agradável. Isabel está bem, não acha? Não é infeliz, pois não?

— Não o creio.

— O que diz ela?

— Diz que está muito satisfeita... Somente, acha-se um pouco preocupada consigo.

— Por que comigo?

— Talvez com receio de apreensões suas — disse Bertie, cautelosamente.

— Não deve recear isso. — E continuou a acariciar com os dedos a cabeça cinzenta do gato, que baixava as orelhas sobre o pescoço. — O que receio um pouco — prosseguiu — é que ela me ache um peso morto, sempre sozinha comigo aqui.

— Não acho que deva preocupar-se com isso — disse Bertie, embora ele próprio o receasse também.

— Não sei — disse Maurício. — Às vezes sinto que não é justo tê-la atrelada a mim. — Depois baixou a voz, com curiosidade. — Diga — perguntou, numa luta íntima — a minha cara está muito desfigurada? É capaz de me dizer a verdade?

— Tem a cicatriz — disse Bertie, cismando. — Sim, desfigura um pouco. Mas é mais lastimável do que chocante.

— No entanto, é uma grande cicatriz.

— Oh, sim.

Houve uma pausa.

— Por vezes, tenho a sensação de que sou horrível — disse Maurício, numa voz apagada, como se falasse para consigo. E Bertie, com efeito, teve um estremecimento de horror.

— Não tem razão para isso.

Maurício endireitou-se de novo, deixando o gato.

— É escusado dizer — disse. Depois, acrescentou, num tom estranho: — Na realidade, não o conheço, pois não?

— Creio que não — disse Bertie.

— Importa-se que eu lhe toque?

O advogado retraiu-se, instintivamente. E, contudo, por mera filantropia, disse numa voz apagada:

— De forma alguma.

Mas foi para ele um sofrimento, quando o cego estendeu na sua direção uma mão forte e nua. Sem o querer, Maurício se deitou ao chão o chapéu de Bertie.

— Julguei que fosse mais alto — disse, atrapalhado. Em seguida, pôs a mão sobre a cabeça de Bertie Reid, encerrando-lhe a curva do crânio num aperto brando, mas firme, dir-se-ia que apanhando-o. Depois, alargando as mãos, apertou de novo brandamente, com uma pressão considerada e firme, até que cobriu o crânio e a face do homenzinho, desenhando lhe as sobrancelhas, tocando-lhe em cheio os olhos fechados, tocando o nariz pequeno e as narinas, o bigode áspero e curto, a boca, o queixo bastante forte. A mão do cego apalpou o ombro, o braço, a mão do outro. Parecia apoderar-se dele, passeando lhe com brandura as mãos sobre o corpo.

— Parece novo — disse por fim com serenidade.

O advogado estava como que aniquilado, incapaz de responder.

— A sua cabeça parece tenra, como se fosse jovem — repetiu Maurício. — E as suas mãos também. Toque nos meus olhos, sim? — toque na minha cicatriz. Bertie tremia agora com repulsa. Contudo encontrava-se sob o poder do cego, como que hipnotizado. Ergueu a mão e pôs os dedos sobre a cicatriz e sobre os olhos desfigurados. Maurício cobriu-os subitamente com a mão, apertou os dedos do outro sobre as suas órbitas desfiguradas, tremendo fibra a fibra e oscilando levemente, vagarosamente, dum lado para o outro. Assim fez durante um minuto ou mais, enquanto Bertie permanecia como num desmaio, inconsciente, aprisionado.

Então, subitamente, Maurício afastou da fronte a mão do outro, e deteve-a na sua por algum tempo.

— Oh, meu Deus! — disse — agora ficamos a conhecer-nos um

ao outro, não é assim? Agora ficamos a conhecer-nos um ao outro.

Bertie não pôde articular resposta. Abriu os olhos, mudo e aterrorizado, vencido pela sua própria fraqueza. Sabia ser incapaz de responder. Estava possuído dum medo insensato de que o outro o matasse subitamente. Por outro lado, Maurício encontrava-se cheio de um afeto quente e penetrante, a paixão da amizade. Era talvez desta mesma paixão da amizade que Bertie mais recuava.

— Agora podemos entender-nos bem; não é assim? — disse Maurício. — Agora podemos entender-nos bem, enquanto vivermos, pelo que nos diz respeito.

— Sim — disse Bertie, procurando evadir-se por qualquer forma.

Maurício permanecia de cabeça erguida, como quem escuta. Está nova e delicada satisfação da amizade mortal tocara-o como uma revelação e uma surpresa, como qualquer coisa de esquisito e inesperado. Parecia escutar, para ver se era real.

Depois, voltou-se para procurar o casaco.

— Venha; vamos ter com Isabel.

Bertie apanhou a lanterna e abriu a porta. O gato desapareceu. Os dois homens seguiram em silêncio ao longo dos atalhos. Quando se aproximavam, Isabel considerou que as suas passadas tinham um som estranho. Observou depois, com expressão patética e ansiosa, quando entravam. Maurício parecia possuído de uma altivez curiosa. Bertie mostrava-se abatido e tinha os olhos pisados.

— O que há? — perguntou ela.

— Tornámo-nos amigos — disse Maurício, erguendo-se com as pernas afastadas, como um estranho colosso.

— Amigos! — repetiu Isabel, como um eco. E olhou de novo para Bertie. Este recebeu os seus olhos com um olhar furtivo e cansado. Os olhos dele pareciam vidrados de infortúnio.

— Estou tão satisfeita — disse ela, em pura perplexidade.

— Sim — disse Maurício.

Estava verdadeiramente satisfeito. Isabel tomou-lhe a mão nas suas, e apertou-a.

— Agora serás mais feliz, meu querido — disse.

Mas observava Bertie. Sabia que ele só tinha um desejo: fugir desta intimidade, desta amizade que lhe tinha sido imposta. Não

podia suportar ter sido tocado pelo cego, terem penetrado na sua doentia reserva. Era como um molusco a quem tivessem partido a casca.

COISAS

Eram dois verdadeiros idealistas da Nova Inglaterra. Mas isto foi há algum tempo: antes da guerra. Uns anos antes da guerra, encontraram-se e se casaram: ele, um jovem alto, de olhos perspicazes, natural de Connecticut; ela, uma jovem de Massachusetts, pequenina, recatada, com um aspecto de puritana. Ambos tinham algum dinheiro, mas não muito. Mesmo em conjunto, não dava três mil dólares por ano. Contudo, eram livres. Livres!

Oh! a liberdade! Ter a liberdade de viver como se quer! Ter vinte e cinco e vinte e sete anos, um par de verdadeiros idealistas, com mútuo amor da beleza, inclinação para o pensamento hindu — quer dizer, Mrs. Besant — e um rendimento um pouco inferior a três mil dólares por ano! Mas para que é o dinheiro? Tudo o que se quer é viver uma vida cheia e bela. Evidentemente, na Europa, na fonte da tradição. Poderia também ser na América; na Nova Inglaterra, por exemplo. Mas à custa duma certa dose de beleza. A verdadeira beleza leva muito tempo a amadurecer. O barroco é apenas meio belo, meio amadurecido. Não, a verdadeira flor de prata, o verdadeiro ramo de ouro aromático da beleza teve as suas raízes na Renascença, não em qualquer outro período mais recente ou superficial.

Por conseguinte, os dois idealistas, que se casaram em New Haven, partiram imediatamente para Paris: a Paris dos velhos tempos. Tinham ateliê no Boulevard Montparnasse, e tomaram-se verdadeiros parisienses, no velho, delicioso sentido da palavra, não no moderno, grosseiro. Era na aurora dos impressionistas puros, Monet e os seus discípulos, o mundo visto em termos de pura luz, luz direta e indireta. Que belo! Que belas as noites, o rio, as manhãs nas velhas, mas, e junto às tendas das floristas e dos livreiros, as tardes no alto de Montmartre ou nas Tulherias, as noites nos boulevards.

Pintavam ambos, mas não com furor. Nem a arte os dominava, nem eles dominavam a arte. Pintavam: nada mais. Tinham conhecimentos — conhecimentos distintos, quando possível, muito embora tivesse de se aceitar duma coisa e doutra. E eram felizes.

Contudo, dir-se-ia que os seres humanos têm de firmar as garras em qualquer coisa. Para sermos livres, para vivermos uma vida cheia e bela, é necessário, ai de nós! Agarrarmo-nos a qualquer coisa. Uma vida cheia e bela significa a adesão firme a qualquer coisa pelo menos, assim acontece com todos os idealistas — porque, de contrário, sobrevêm o tédio. Há um certo acenar de tentáculos para o ar, como acontece com as gavinhas acenastes, tateantes da vide que se estendem e enroscam, procurando qualquer coisa a que se agarrem, qualquer coisa a que trepem, em procura do necessário sol. Quando não encontra nada, a vinha apenas rastejar sobre o solo, não chegando a realizar-se plenamente. Tal é a liberdade! — o agarrar-se à estaca que convém. E os seres humanos são todas vides. Mas especialmente o idealista. Este é uma vide que necessita de se agarrar e de trepar, desprezando o homem que é uma simples batata, um simples nabo ou pedaço de madeira.

Os nossos idealistas eram espantosamente felizes, mas estavam a todo o momento a ver se alcançavam qualquer coisa com que se conformassem. A princípio, Paris bastou. Exploraram Paris exaustivamente. Aprenderam o francês até quase se sentirem franceses, tão fluentemente o falavam.

Todavia, sabeis, nunca chegamos a falar francês com a nossa alma. É coisa impossível. E muito embora seja emocionante, a princípio falar em francês a franceses ilustrados, contudo com o decorrer do tempo (eles parecem exceder-nos tanto em ilustração!), sentimo-nos insatisfeitos. O materialismo dos franceses, duma infinita justeza, deixa-nos frios, ao cabo, dá-nos uma sensação de esterilidade e incompatibilidade com o saber profundo da Nova Inglaterra. Foi isto o que os nossos dois idealistas sentiram.

Afastaram-se da França — mas sempre duma maneira cortês. A França desiludira-os.

— Amámo-la e aproveitámos muito com ela. Mas, passados certo tempo, passado bastante tempo, de facto alguns anos, Paris

deixa-nos uma sensação de desapontamento. Não possui bem aquilo de que necessitamos.

— Mas Paris não é a França.

— Não, talvez não seja. A França é bastante diferente de Paris. E a França é adorável — bastante adorável. Mas para nós, muito embora a amemos, não nos satisfaz por completo.

De forma que, quando veio a guerra, os idealistas mudaram para a Itália. E amaram a Itália. Acharam-na bela, e mais apaixonante que a França. Parecia muito mais perto da concepção da beleza da Nova Inglaterra: qualquer coisa de puro e cheio de simpatia, sem o materialismo e o cinismo dos franceses. Os dois idealistas pareciam respirar na Itália o seu verdadeiro ar natal.

E na Itália, muito mais do que em Paris, sentiram que podiam vibrar com os ensinamentos de Buda. Penetraram na corrente avassaladora da moderna emoção budista, leram livros, entregaram-se à meditação e lançaram-se decididamente à tarefa de eliminar das suas próprias almas a cobiça, a dor e o sofrimento moral. Não compreenderam, contudo, que a própria preocupação de Buda de se libertar da dor e do sofrimento moral é em si uma espécie de cobiça. Não, eles sonhavam com um mundo perfeito, de que fossem eliminadas toda a cobiça, quase toda a dor e uma grande parte do sofrimento moral.

Mas a América entrou na guerra, de forma que os dois idealistas tinham de a ajudar. Trabalharam num hospital. E muito embora a sua experiência os fizesse compreender mais do que nunca que a cobiça, a dor, e o sofrimento moral deviam ser eliminados do mundo, não obstante, o budismo ou a teosofia não emergiu muito triunfante da longa crise. De qualquer forma, em qualquer parte, em qualquer parte de si próprios sentiam que a cobiça, a dor e o sofrimento moral nunca seriam eliminados, porque a maior parte das pessoas não se preocupa com eliminá-los nem se preocupará nunca. Os nossos idealistas eram demasiado ocidentais para pensarem em abandonar todo o mundo à condenação, enquanto os dois se salvavam a si próprios. Eram excessivamente abnegados para se sentarem debaixo duma árvore, numa atitude rígida, e atingirem o Nirvana apenas os dois.

Contudo, havia mais do que isso. Era que não tinham nádegas

suficientemente carnudas para se instalarem debaixo duma árvore *bho* e atingirem o Nirvana contemplando qualquer coisa, e menos que tudo o seu próprio umbigo. Se todo o vasto mundo fosse salvo, eles, pessoalmente, não se preocupariam em salvar-se apenas a si próprios. Não; sentir-se-iam tão solitários! Eram naturais da Nova Inglaterra, de forma que tinha de ser tudo ou nada. A cobiça, a dor e o sofrimento moral, ou seriam eliminados de todo o mundo, ou então, de que servia eliminarem-nos de si? Não servia de nada absolutamente! Transformar-se-iam apenas em vítimas.

De forma que, muito embora ainda amassem o pensamento hindu e se enternecessem com ele, bem (para voltarmos à nossa metáfora) à estaca a que as verdes e ansiosas vides tinham trepado, revelava-se agora inteiramente podre. Quebrou, e as vides vieram vagarosamente caindo até ao chão. Não houve queda brusca. As vides mantiveram-se no ar, graças à sua folhagem, durante um certo tempo. Mas abateram. O esteio do pensamento hindu cedera, antes que os dois tivessem saltado do seu topo para um mundo novo.

Caíram no chão com um rumor lento. Mas não fizeram ruído. Ficaram de novo desapontados. Mas nunca o confessaram. O pensamento hindu tinha-os deixado cair por terra. Mas nunca o lamentaram. Nem mesmo disseram nunca uma palavra um ao outro. Estavam desapontados, vagamente, mas profundamente desiludidos, e ambos o sabiam. Mas esse saber era tácito.

Tinham ainda tanto com que contar na sua vida! Tinham ainda a Itália, a cara Itália. Tinham ainda a liberdade, esse tesouro inestimável. E tinham ainda tanta beleza! Quanto à plenitude da vida é que não tinham tanta certeza. Tinham um filhinho a quem amavam como os pais devem amar os filhos, mas evitavam sabiamente prender-se apenas a ele, edificar as suas vidas sobre a dele. Não, não. Tinham de viver a sua própria vida! Possuíam ainda suficiente vigor mental para o saberem.

Mas já não eram muito novos. Os vinte e cinco e os vinte e sete anos tinham dado lugar a trinta e cinco e trinta e sete. E, muito embora tivessem vivido uma temporada maravilhosa na Europa, muito embora amassem ainda a Itália — a cara Itália! — contudo, estavam desapontados. Tinham extraído dela uma forte dose de

prazer; oh, muitíssimo prazer, na verdade! Porém, ela não lhes tinha dado tudo, tudo o que tinham esperado. A Europa era bela, mas estava morta. Viver na Europa era o mesmo que viver no passado. E os Europeus, com toda a sua atracção superficial, não eram realmente atraentes. Eram materialistas, não tinham verdadeira alma. Não compreendiam os anseios mais íntimos do espírito, porque os anseios mais íntimos tinham morrido neles, que eram agora meras sobrevivências. Esta era a verdade relativamente aos Europeus: eram sobrevivências, incapazes de caminhar para a frente.

Era outra estaca de feijoeiro, outro suporte de vinha que abatia sob a vida verde da videira. E bastante amargo isso foi, desta vez. Porquanto, pelo velho tronco da Europa a verde videira tinha ido trepando silenciosamente durante mais de dez anos, dez anos imensamente importantes, os anos da verdadeira vida. Os dois idealistas tinham vivido na Europa, vivido da Europa, da vida europeia e das coisas europeias, como as vides de um parreiral perpétuo.

Tinham construído ali o seu lar, um lar como nunca se poderia ter construído na América. A sua palavra de ordem tinha sido a beleza. Tinham alugado, durante os últimos quatro anos, o segundo andar dum velho palazzo sobre o Arno, e ali tinham todas as suas coisas. E o seu *appartement* proporcionava-lhes uma profunda satisfação; as elevadas e silenciosas salas antigas, com janelas sobre o rio, com brilhantes soalhos duma madeira vermelho escura, e as magníficas mobílias que os idealistas tinham colecionado.

Sim, sem que eles próprios dessem por isso, as vidas dos idealistas haviam corrido horizontalmente, com uma rapidez vertiginosa, durante todo este período. Haviam-se tomado dois ferozes caçadores de coisas para o seu lar. Enquanto as suas almas trepavam para o sol da velha cultura europeia ou do velho pensamento hindu, as suas paixões corriam horizontalmente, agarrando-se às coisas. Claro que não compravam as coisas pelas coisas, mas sim pela beleza. Consideravam a sua casa como um lugar inteiramente guarnecido pela beleza, e de forma alguma por coisas. Valéria tinha umas cortinas encantadoras nas janelas da extensa salotta que dava sobre o rio: cortinas dum esquisito tecido

antigo que parecia uma seda finamente bordada, cujos tons magníficos iam do vermelho, do alaranjado, do dourado e do negro, a um puro e suave fulgor. Era raro Valéria entrar na salotta sem cair de joelhos mentalmente perante as cortinas.

— Chartres! — dizia. — Para mim são Chartres.

E Melville nunca se voltava para a sua estante veneziana do século XVI, com as suas duas ou três dúzias de livros escolhidos, sem estremecer até à medula dos ossos. Era o santuário dos santuários!

O filho evitava silenciosamente, quase supersticiosamente, ter qualquer contacto rude com estes vetustos monumentos de mobiliário, como se fossem ninhos de cobras adormecidas, ou essa coisa perigosíssima de se tocar que é a Arca da Aliança. O seu terror infantil era silencioso e frio, mas definitivo.

Contudo, um casal de idealistas da Nova Inglaterra não pode viver meramente da glória passada do seu mobiliário. Pelo menos, aquele casal não podia. Acostumaram-se ao maravilhoso guarda-louça de Bolonha, acostumaram-se à esplêndida estante veneziana, aos livros, às cortinas e bronzes de Sena, e aos belos sofás, aparadores e cadeiras que tinham colecionado em Paris. Oh, andavam a colecionar coisas desde o primeiro dia em que desembarcaram na Europa. E continuavam ainda. E o último interesse que a Europa pode oferecer a um estranho, ou mesmo a um europeu.

Quando os Melville recebiam visitas, e estas vibravam em face dos seus interiores, então Valéria e Erasmo sentiam que não tinham vivido em vão, que ainda viviam. Mas nas longas manhãs em que Erasmo trabalhava enfastiadamente na literatura da Renascença florentina e Valéria cuidava do arranjo da casa, nas longas horas depois do almoço e nos longos e, em regra, frigidíssimos e penosos serões do velho *palazzo*, então dissipava-se o halo que envolvia o mobiliário, e as coisas transformavam-se em coisas, em pedaços de matéria, colocados aqui, suspensos além, *ad infinitum,* e que nada diziam. Então Valéria e Erasmo chegavam ao ponto de quase os odiarem. O fulgor da beleza, como todo o outro fulgor, esmorece se não é alimentado. Os idealistas amavam ainda entranhadamente as suas coisas. Mas tinham-nas adquirido. E a verdade é que as coisas

que brilham vividamente *en* quanto as adquirimos, tomam-se completamente frias passado um ano ou dois. Claro que exceto se essas coisas são muito invejadas e os museus anseiam por adquiri-las. Mas as coisas dos Melville, embora muito boas, não eram tão boas como isso.

Destarte, foi esmorecendo gradualmente o fulgor de todas as coisas, da Europa, da Itália — os Italianos são caros — até mesmo do maravilhoso *appartement* moderno. E certo de que valia a pena ouvir: — Ora, se eu tivesse uma casa destas, nunca, nunca me apetecia sair à rua! E tão agradável e bela!

E, contudo, Valéria e Erasmo saíam à rua; saíam mesmo à rua para se libertarem do seu silêncio antigo, feito de soalhos frios e pesadas pedras, da sua morta dignidade.

— Estamos a viver do passado, sabes, Dick? — disse Valéria para o marido. (Chamava-lhe Dick).

Arrastavam-se penosamente. Não queriam dar-se por vencidos. Não gostavam de admitir que estavam fartos. Fazia agora doze anos que eram pessoas livres, vivendo uma vida cheia e bela. E a América tinha sido durante doze anos o seu anátema, a Sodoma e Gomorra do materialismo industrial.

Não é fácil confessar que se está farto. E eles detestavam admitir que queriam regressar. Mas por fim, relutantemente, decidiram ir, por causa do filho.

— Custa-nos deixar a Europa. Mas Pedro é americano, e é bom que ele se habitue à América enquanto é novo. — Os Melville tinham um sotaque e maneiras inteiramente ingleses. Quase: havia um pouco de italiano e de francês, aqui e além.

Deixaram a Europa para trás, mas levaram dela o que foi possível. Mais precisamente, várias carroças carregadas. Todas aquelas coisas adoráveis e insubstituíveis. E tudo chegou a Nova York; os idealistas, o filho e o enorme carregamento de Europa que tinham arrastado atrás de si.

Valéria tinha sonhado com um agradável appartement, talvez em Riverside Drive, onde não eram tão caros como a leste da Quinta Avenida, e onde todas as suas esplêndidas coisas fariam uma vista maravilhosa. Ela e Erasmo andaram à cata de casas. Mas, oh pena! o seu rendimento estava muito abaixo de três mil

dólares por ano. Encontraram... bem, toda a gente sabe o que encontraram; dois quartinhos e uma pequena cozinha que não lhe permitiam desencaixotar nem uma coisa!

O pedaço de Europa que eles tinham arrebatado foi para um armazém, à razão de cinquenta dólares por mês. E eles ficaram em dois quartinhos e uma pequena cozinha, cismando no mal que tinham feito.

Claro que Erasmo precisava de arranjar um emprego. Isto metia-se pelos olhos dentro, e, contudo, eles fingiam não o ver. Era está a ameaça estranha e vaga que a Estátua da Liberdade sempre tivera pendente sobre as suas cabeças: — Arranjarás um emprego! — Erasmo possuía os trunfos, como se costuma dizer. Era-lhe ainda possível uma profissão docente. Fizera com distinção os seus exames em Yale, e mantivera em dia as suas investigações, durante todo o período da sua permanência na Europa.

Mas tanto ele como Valéria tremeram de medo. Uma carreira docente! O mundo do ensino! O mundo americano do ensino! Tremeram a bom tremer! Deixarem a sua liberdade, a sua vida cheia e bela? Nunca! Nunca! Erasmo ia fazer quarenta anos.

As coisas continuavam no armazém. Valéria ia olhar por elas. Custava-lhe um dólar por hora e horríveis sofrimentos. As coisas, pobres coisas, pareciam um tanto gastas e lastimáveis naquele armazém.

Contudo a América não era só Nova York. Havia o grande, o arejado Oeste. Então os Melville foram para o Oeste, com Pedro, mas sem as coisas. Tentaram viver a vida simples das montanhas. Mas fazerem os seus próprios trabalhos domésticos tomou-se para eles quase um pesadelo. As coisas são todas muito bonitas de se ver; mas é terrível ter de trabalhar com elas, ainda mesmo quando sejam belas. Ser escravo de coisas detestáveis, trabalhar com um fogão, cozinhar refeições, lavar pratos, transportar água e esfregar soalhos: puro horror de sórdida antivida!

Na sua cabana das montanhas, Valéria sonhava com Florença, com o perdido appartement; e o seu guarda-louça de Bolonha, as cadeiras de Luís XV e, acima de tudo, as suas cortinas de Chartres estavam em Nova York e custavam-lhe cinquenta dólares por mês.

Um amigo milionário veio em seu socorro, oferecendo-lhes uma

casa na costa da Califórnia. A Califórnia, onde o homem adquire uma alma nova! Com alegria os idealistas mudaram um pouco mais para oeste, agarrando-se a novos esteios de esperança.

...E verificando que eram palhas! A casa do milionário estava montada na perfeição. Era talvez o mais perfeita possível quanto a economia de trabalho: aquecimento e fogão eléctricos, uma cozinha com lambril branco e pérola onde apenas o ser humano podia fazer lixo. Numa hora, pouco mais ou menos, os idealistas tinham os seus trabalhos domésticos prontos. Eram livres — livres para ouvirem o grande Pacífico embatendo contra a costa, e para sentirem uma nova alma apoderar-se dos seus corpos.

Mas ah! O Pacífico embatia contra a costa com pavorosa brutalidade, mera força bruta! E a alma nova, em vez de lhes penetrar suavemente no corpo, parecia apenas empenhar-se em exaurir lhes do corpo a alma velha. Sentir que se está nas garras da força bruta mais cega e absorvente, sentir que a nossa acarinhada alma de idealista nos está sendo exaurida, para subsistir apenas a irritação em seu lugar: ah, isto não satisfaz.

Passados cerca de nove meses, os idealistas partiram do Oeste californiano. Tinha sido uma grande experiência, e sentiam-se satisfeitos com ela. Mas, afinal de contas, o Oeste não era o lugar que lhes convinha, e eles sabiam-no. Não, as pessoas que precisavam de almas novas, que as obtivessem. Valéria e Erasmo Melville preferiam desenvolver um pouco mais a alma velha. De qualquer forma, não tinham sentido qualquer influxo de alma nova na costa californiana. Pelo contrário.

Assim, com um ligeiro desfalque no seu capital material, os dois voltaram a Massachusetts, onde foram visitar os pais de Valéria, levando consigo o filho. Os avós acolheram com entusiasmo a criança — pobre ser sem pátria — foram um tanto frios para com Valéria, mas bastante frios para com Erasmo. A mãe de Valéria disse-lhe um dia redondamente que Erasmo tinha de arranjar um emprego, para que ela, Valéria, pudesse viver uma vida decente. Valéria falou-lhe com altivez do seu belo appartement sobre o Amo, das esplêndidas coisas que tinha num armazém de Nova York e da vida maravilhosa e satisfeita que ela e Erasmo tinham vivido. A mãe de Valéria disse-lhe que não considerava tão maravilhosa como isso

a vida que a filha levava presentemente: sem lar, com um marido ocioso aos quarenta anos, um filho para educar e um capital em decrescimento. Parecia-lhe mesmo o contrário do maravilhoso. Erasmo devia ocupar um posto qualquer numa universidade.

— Que posto? Que universidade? — interrompeu Valéria.

— Isso podia arranjar-se, atendendo às relações de teu pai e às habilitações de Erasmo — replicou a mãe de Valéria. — E então vocês poderiam tirar do armazém as suas valiosas coisas, e ter uma casa verdadeiramente bela, que toda a gente aqui na América se orgulharia de visitar. Na situação presente, a mobília está-lhes devorando todo o rendimento, e vocês vivem como ratos num buraco, sem ter para onde ir.

Isto era a pura da verdade. Valéria começava a ansiar por ter uma casa, com as suas coisas. Claro que poderia ter vendido a mobília por uma soma substancial. Mas ninguém poderia convencê-la a isso. Dissipassem-se embora todas as outras coisas — religiões, culturas, continentes e esperanças — Valéria nunca se desfaria das coisas que ela e Erasmo tinham colecionado com tanta paixão. Estava amarrada a elas.

Mas ela e Erasmo não queriam também desfazer-se daquela liberdade, daquela vida cheia e bela em que tanto tinham acreditado. Erasmo amaldiçoava a América. Não queria ganhar a vida. Anelava pela Europa.

Deixando o filho a cargo dos pais de Valéria, os dois idealistas partiram de novo para a Europa. Em Nova York gastaram dois dólares para verem as suas coisas durante uma hora breve e amarga. Embarcaram na classe de estudantes, quer dizer, terceira classe. O seu rendimento não chegava agora a dois mil dólares, em vez de três. E partiram direitos a Paris, um Paris barato.

Desta vez, a Europa os revelou-se um perfeito fracasso.

— Voltamos como cães ao nosso vômito — disse Erasmo; — mas o vômito tornou-se, entretanto nauseabundo.

Verificou que não podia suportar a Europa, que está lhe irritava todos os nervos do corpo. Detestava também a América. Mas a América, ao menos, era um espetáculo melhor do que este miserável e decadente continente, que nem sequer era já barato.

Com o coração preso às suas coisas (ansiava, na realidade, por

tirá-las daquele armazém, onde permaneciam fazia agora três anos, devorando lhes dois mil dólares) Valéria escreveu à mãe, dizendo-lhe que supunha que Erasmo regressaria se pudesse conseguir um trabalho adequado na América. Com um sentimento de fracasso que roçava pela cólera e pela loucura, Erasmo deu a volta à Itália duma maneira pobretana, com as mangas do casaco no fio, odiando intensamente todas as coisas. E quando lhe foi obtido um lugar na Universidade de Cleveland, para ensinar literatura francesa, italiana e espanhola, os seus olhos tomaram-se mais esbugalhados, e o seu rosto comprido e estranho tomou-se mais afilado e parecido com o focinho dum rato, tão desvairada foi a sua fúria. Tinha quarenta anos e o emprego estava-lhe à porta.

— Acho que seria melhor aceitares, filho. Já não queres saber da Europa, pois, como dizes, já deu o que tinha a dar. Oferecem-nos uma casa no recinto da universidade, e a mamã diz que há nela espaço para todas as nossas coisas. Acho que seria melhor telegrafarmos que aceitamos.

Erasmo olhou-a ferozmente, como um rato acossado. Não seria surpresa a verem-se surgir e encrespar-se bigodes de rato aos cantos do nariz aguçado.

— Mando um telegrama? — perguntou ela.

— Manda! — respondeu bruscamente.

Ela saiu e enviou-o.

Erasmo mudou, tomou-se um homem mais calmo, muito menos irritável. Tinham-lhe tirado dos ombros um peso enorme. Estava dentro da ratoeira.

Mas quando viu as fornalhas de Cleveland, vastas e semelhantes à maior das florestas negras, com cascatas de metal em borbotões vermelhos e rubro brancos, com homens pequeninos como diabretes e ruídos terrificantes, gigantescos, disse para Valéria:

— Podes dizer o que quiseres, Valéria; mas esta é a coisa mais colossal que o mundo moderno pode apresentar.

E quando se encontravam na sua casinha moderna do recinto da Universidade de Cleveland, e todos esses malfadados despojos da Europa — o guarda-louças de Bolonha, as estantes de Veneza, a cadeira do bispo de Ravena, os aparadores à Luís XV, as cortinas

de Chartres, as lâmpadas de bronze de Sena — se encontravam armados, parecendo todos novinhos em folha e fazendo uma vista impressionante; quando os idealistas receberam em sua casa uma multidão de pessoas boquiabertas e Erasmo se apresentou com as suas melhores maneiras europeias e, contudo, muito cordial e americano; quando Valéria ostentou o seu aspecto mais senhoril, mas, apesar disso preferimos a América; então Erasmo disse olhando-a com os seus estranhos e vivos olhinhos de rato:

— É certo de que a Europa é a mayonnaise, mas a América fornece a boa da velha lagosta. Não achas?

— Sem dúvida! — disse ela com satisfação.

E Erasmo olhou-a com um ar inquiridor. Estava na ratoeira, mas esta era segura. E Valéria, com toda a evidência, tinha encontrado por fim o seu ser real. Obtivera as suas coisas. Contudo, no nariz dele havia uma prega estranha, maldosa e escolástica, de puro cepticismo. Mas gostava de lagosta.

O CAVALO DE BALANÇO VENCEDOR

Havia uma mulher que era formosa, que principiara a vida com todas as possibilidades de êxito, e contudo não era feliz. Casara por amor, e o amor convertera-se em pó. Tivera filhos sadios, e contudo sentia que eles lhe tinham sido impostos, e que não os podia amar. Olhavam-na friamente, como se lhe pusessem todas as culpas. E de súbito ela sentia a necessidade de encobrir qualquer falta. Mas nunca soube o que é que tinha a encobrir. Não obstante, na presença dos filhos, sentia sempre gelar-se-lhe o âmago do coração. Isto perturbava-a, e as suas maneiras tomavam-se então mais amáveis e solícitas para as crianças como se lhes quisesse muito. Só ela sabia que no fundo do seu coração havia um escaninho gelado que não podia sentir amor, não, fosse por quem fosse. As outras pessoas diziam dela: "É uma bela mãe. Adora os filhos". Apenas ela, e também os filhos, sabiam que não era assim. Liam-no nos olhos uns dos outros.

Tinha um rapaz e duas meninas. Viviam numa casa com jardim, tinham criados discretos e sentiam-se superiores a todas as

pessoas da vizinhança. Muito embora vivessem com distinção, havia sempre uma ansiedade em casa. O dinheiro nunca chegava. A mãe tinha um pequeno rendimento, e o pai também, mas nem de longe chegava para a posição social que tinham de manter. O pai desempenhava na cidade um emprego qualquer. Mas embora tivesse boas perspectivas, essas perspectivas nunca se materializavam. Havia ali a sensação permanente da falta de dinheiro, muito embora se mantivesse sempre o mesmo teor de vida.

Até que por fim a mãe disse: "Tenho de ver se arranjo qualquer coisa". Mas não sabia por onde começar. Frigia os miolos, experimentava ora uma coisa ora outra, mas não havia forma de encontrar nada que desse resultado. O fracasso cavou-lhe fundas rugas no rosto. Os filhos iam crescendo, e tinham de ir para a escola. Era necessário mais dinheiro, era necessário mais dinheiro. O pai, sempre muito elegante e com gostos dispendiosos, parecia que nunca viria a ser capaz de fazer qualquer coisa que se visse. E a mãe, que tinha grande confiança em si, também não era mais bem sucedida; além do que os seus gostos eram tão dispendiosos como os dele.

Desta forma a casa veio a ser perseguida pela frase tácita: E necessário mais dinheiro! É necessário mais dinheiro! As crianças ouviam-na a todo o momento, muito embora ninguém a dissesse em voz alta. Ouviam-na pelo Natal, quando o seu quarto se encontrava cheio de brinquedos dispendiosos e esplêndidos. Por detrás do reluzente cavalo de balanço moderno, por detrás da primorosa casa das bonecas, uma voz começava a murmurar: "É necessário mais dinheiro! É necessário mais dinheiro"! E as crianças paravam então de brincar, para escutarem por um momento. Fitavam os olhos umas nas outras para ver se todas tinham ouvido. E cada uma via nos olhos das outras duas que também elas tinham ouvido: "É necessário mais dinheiro! É necessário mais dinheiro"!

A voz vinha murmurando desde as molas do cavalo de balanço, que ainda oscilava; e o próprio cavalo, inclinando a cabeça de madeira, mordendo o freio, a ouvia. A boneca grande, sentada tão rósea e sorridente no seu novo carrinho de criança, ouvia-a distintamente, e parecia sorrir por esse motivo, com mais

consciência de si. E o cachorrinho brincalhão, que ocupava o lugar do urso desajeitado, esse tinha um aspecto tão extraordinariamente turbulento pela simples razão de que também ouvira por toda a casa o secreto murmúrio:

"É necessário mais dinheiro"!

Contudo ninguém o disse nunca em voz alta. O murmúrio soava por toda a parte, e, por conseguinte, ninguém o dizia, precisamente como nunca ninguém diz: "Estamos a respirar"! apesar de que a respiração entra e sai a todo o momento.

— Mamã — disse Paulo um dia — por que não temos um carro nosso? Porque é que nos servimos sempre do do tio, ou então alugamos um táxi?

— Porque somos os membros mais pobres da família.

— Mas porque é que somos assim, mamã?

— Bem, suponho — disse ela vagarosamente e com amargura — que é porque o teu papá não tem sorte.

O rapaz ficou silencioso durante algum tempo.

— A sorte é ter dinheiro, mamã? — perguntou um tanto a medo.

— Não, Paulo. Não é bem a mesma coisa. É o que faz com que se tenha dinheiro. Se temos sorte, temos dinheiro. É por isso que vale mais nascer com sorte do que rico. Se formos ricos, podemos perder o nosso dinheiro. Mas se tivermos sorte, conseguimos cada vez mais dinheiro.

— Oh! É assim? E o pai não tem sorte?

— Tem muito pouca sorte, é o que é — disse ela amargamente.

O rapaz fitou-a com olhos mal seguros.

— Por quê?

— Não sei. Nunca ninguém sabe por que é que uma pessoa tem sorte e outra não.

— Não sabe? Ninguém sabe? Mesmo ninguém?

— Talvez Deus. Mas esse não diz.

— Devia dizer-nos então. E a mãe também não é feliz?

— Como posso sê-lo se casei com um marido infeliz?

— Mas independentemente do pai, não o é?

— Pensava que o era, antes de me casar. Agora penso que sou muito infeliz, na verdade.

— Por quê?

— Bem — não faz mal! Talvez que o não seja realmente — disse ela.

A criança olhou-a, para ver se dizia a verdade. Mas viu, pelas rugas da sua boca, que a mãe apenas tentava ocultar-lhe qualquer coisa.

— Bem, seja como for — disse ele corajosamente — eu sou uma pessoa feliz.

— Por quê? — disse a mãe com um riso súbito.

A criança fitou-a. Não sabia sequer por que o tinha dito.

— Deus disse-mo — asseverou descaradamente.

— Oxalá que sim, querido! — disse a mãe, rindo novamente, mas em tom um tanto amargo.

— Disse, sim, mamã!

— Ótimo! — disse a mãe, empregando uma das exclamações do marido.

O rapaz viu que ela o não acreditava; ou, antes, que não prestava atenção à sua afirmativa. Isto causou-lhe certa zanga, e levou-o a querer forçar a atenção da mãe.

Prosseguiu sozinho, vagamente, de uma forma infantil, a procurar a chave da "felicidade”. Absorto, não se preocupando com as outras pessoas, prosseguiu intimamente, e com certa reserva, na procura da felicidade. Queria a felicidade, queria-a, queria-a. Quando as irmãs brincavam com as bonecas, nos aposentos reservados às crianças, ele montava o seu grande cavalo de balanço, carregando loucamente sobre o espaço, com um frenesi que fazia com que as duas meninas o espiassem com certo mal-estar. O cavalo prosseguia numa carreira desenfreada, o cabelo negro às ondas do rapaz ficava em

desalinho e os seus olhos assumiam um brilho estranho. As meninas não ousavam falar-lhe.

Uma vez chegado ao termo da sua jornadazinha louca, apeava-se e ficava de pé em frente do cavalo de balanço, olhando fixamente o focinho inclinado para o chão. Tinha a boca vermelha levemente aberta e nos grandes olhos havia um brilho vítreo.

— Agora! — ordenava silenciosamente ao corcel, que resfolgava.

— Agora leva-me para onde está a felicidade! Leva-me já!

E fustigava o pescoço do cavalo com o pequeno chicote que pedira ao tio Oscar. Sabia que o cavalo o poderia levar para onde havia a felicidade, desde que o forçasse a isso. De forma, que voltava a montar, e partia em furiosa corrida, esperando por fim alcançá-la, pois sabia poder alcançá-la

— Assim dá cabo do cavalo, Paulo! — dizia a criada.

— Está sempre a andar assim com o cavalo! Tomara eu que ele se fosse embora! — dizia Joana, a irmãzinha mais velha.

Mas o rapaz limitava-se a olhá-las em silêncio. A criada desistia por saber que não podia fazer nada com ele. Pois se já a ia ultrapassando em altura!

Um dia a mãe e o tio Oscar entraram quando ele se encontrava numa das suas furiosas corridas. Nem lhes falou.

— Olá, seu jovem jockey! Montas um cavalo vencedor de corridas! — disse o tio.

— Já não vais ficando grande de mais para um cavalo de balanço? Bem sabes que já não és um menino pequenino — disse a mãe.

Mas Paulo somente lhes lançou uma centelha azul dos seus grandes olhos, ligeiramente cerrados. Não falava a ninguém quando se encontrava em plena corrida. A mãe observava-o inquieta.

Por fim, parou subitamente, detendo o galope mecânico do cavalo, e apeou-se.

— Bem, já cheguei lá — anunciou em tom sacudido, os olhos azuis ainda

faiscando e as longas pernas robustas arqueadas.

— Aonde chegaste tu? — perguntou a mãe.

— Aonde queria ir — volveu-lhe entusiasmado.

- Está muito bem, filho! — disse o tio Oscar. Não pares até que chegues lá. Como se chama o cavalo?

— Não tem nome — disse o rapaz.

— Passa bem sem ele? — perguntou o tio.

— Bem, ele tem diferentes nomes. A semana passada chamava-se Sansovino.

— Com que então, Sansovino? Ganhou a corrida de Ascot. Como soubeste o nome?

— Está sempre a falar de corridas de cavalos com Bassett —

disse Joana.

O tio ficou radiante por ver que o sobrinhito se encontrava em dia com todas as novidades das corridas. Bassett, o jovem jardineiro, que fora ferido no pé esquerdo durante a guerra e conseguiría o emprego actual por intermédio de Oscar Cresswell, de quem fora impedido, era um perfeito jardineiro. Andava sempre ao par do que se passava nas corridas, e o rapazinho sabia-o através dele.

Oscar Cresswell foi informado por Bassett de tudo o que se passava.

— O menino Paulo vem fazer-me perguntas, de forma que não tenho outro remédio se não dizer-lhe — informou Bassett, com expressão terrivelmente séria, como se estivesse falando de assuntos religiosos.

— E aposta alguma coisa em qualquer cavalo que lhe palpite?

— Bem — não quero divulgar um segredo — é um menino com sorte; com muita sorte, senhor Cresswell. Não se importava de fazer essa pergunta a ele mesmo? Parece que tem prazer nisso, e era capaz de não gostar que eu estivesse a contar o segredo. Se o senhor não se importasse...

Bassett tinha o ar solene de uma Igreja.

O tio foi ter com o sobrinho, e levou-o a dar um passeio no seu automóvel.

— Ouve lá, Paulo, meu homem — tu costumas apostar em cavalos? — perguntou o tio.

O rapaz fitou atentamente o simpático homem.

— Por quê? Julga que não devia fazê-lo? — disse, parando o golpe.

— Nem por sombras! Pensei que talvez me pudesses dar uma informação para a corrida de Lincoln.

O carro continuava a sua carreira através dos campos, descendo para a residência do tio Oscar, em Hampshire.

— Palavra de honra? — disse o sobrinho.

— Palavra de honra, filho!

— Bem, então, Narciso.

— Narciso!? Duvido disso, filhinho. Que tal achas Mirza?

— Só conheço o vencedor — disse o rapaz. — É Narciso.

— Narciso, hein?
Houve uma pausa. Narciso era um cavalo relativamente obscuro.
— Tio!
— Dize lá, filho.
— Não vai divulgar isso, pois não? Prometi a Bassett...
— Ao diabo com Bassett, meu velho! O que tem ele que ver com o caso?
— Somos sócios. Temos sido sempre sócios desde o princípio. Tio, foi ele que me emprestou os meus primeiros cinco xelins, que eu perdi. Prometi-lhe, sob palavra de honra, que era só entre nós os dois. No entanto, o tio deu-me aquela nota de dez xelins com que eu comecei a ganhar; de maneira que me pareceu que dava sorte. Não vai dizê-lo a mais ninguém, pois não?
O rapaz fitou o tio com aqueles seus grandes olhos, quentes e azuis, um tanto estrábicos, e o tio soltou uma risada em que havia um certo mal-estar.
- Tens razão, filho! Guardarei para mim o teu segredo. Narciso, heim? Quanto apostas sobre ele?
- Tudo, excepto vinte libras. Guardo-as de reserva.
O tio achou-lhe muita graça.
— Guardas vinte libras de reserva, não é assim, meu jovem sonhador? Quanto apostas então?
— Aposto trezentas libras — disse o rapaz com gravidade. — Mas fica entre nós dois, tio Oscar! Palavra de honra?
O tio riu às gargalhadas.
— Está bem; fica entre nós dois — disse, rindo ainda. — Mas onde estão as tuas trezentas libras?
— Bassett tem-nas guardadas. Somos sócios.
— Basta que sim! E quanto aposta Bassett em Narciso?
— Suponho que não irá tão longe como eu. Talvez vá até cento e cinquenta.
— O quê? Dinheiros? — disse o tio rindo.
— Libras — volveu a criança, com um olhar de surpresa para o tio. — Bassett guarda uma reserva maior do que a minha.
Entre espantado e divertido, o tio Oscar ficou silencioso. Não foi mais longe no assunto, mas resolveu levar o sobrinho às corridas de

Lincoln.

— Agora, filho — disse ele — aposto vinte libras em Mirza, e dou-te cinco para apostares no cavalo que quiseres. Qual é o teu palpite?

— Narciso, tio.

— Não, não aposto cinco libras em Narciso!

— Eu apostava, se o dinheiro fosse meu — disse a criança.

— Bem! Bem! Tens razão! Cinco libras para mim e para ti sobre Narciso.

A criança nunca tinha estado numa corrida de cavalos, e os seus olhos chispavam fogo azul. Apertava os lábios, e observava. Um francês que se

encontrava mesmo na sua frente, tinha apostado o seu dinheiro em Lancelot. Cheio de excitação, agitava os braços para cima e para baixo, gritando: "Lancelot!

Lancelot!" no seu sotaque francês.

Narciso ficou em primeiro lugar, Lancelot em segundo e Mirza em terceiro. A criança, afogueada e com os olhos brilhantes, estava curiosamente serena. O tio trouxe-lhe quatro notas de cinco libras, quatro por uma.

— O que devo fazer com elas? — perguntou, agitando-as diante dos olhos do rapaz.

— Creio que devemos falar a Bassett — disse este. — Devo ter agora mil e quinhentas, mais vinte de reserva, e estas vinte.

O tio estudou-o durante alguns momentos.

— Ouve lá, filho! Não falas verdade a respeito de Bassett e dessas mil e quinhentas libras, pois não?

— Falo, sim. Mas fique entre nós dois, tio. Palavra de honra?

— Pois palavra de honra, filho! Mas tenho de falar a Bassett.

— Se o tio quisesse ser nosso sócio, de Bassett e de mim, podíamos ser todos sócios. Somente, tinha de prometer sob a sua palavra, tio, que a coisa não iria além de nós três. Eu e Basset temos sorte, e o tio também deve tê-la, porque foi com os seus dez xelins que comecei a ganhar...

O tio Oscar levou, uma tarde, Bassett e Paulo a Richmond Park, e ali conversaram.

— É como o senhor vê — disse Bassett. — O menino Paulo

queria ouvir-me falar sobre o que se passava nas corridas, histórias palpitantes, como vê, meu senhor. E interessava-se sempre muito em saber se eu tinha ganho ou perdido. Faz agora perto de um ano que apostei cinco xelins por ele sobre Blush of Dawn — e perdemos. Depois a sorte mudou, com aqueles dez xelins que o

senhor lhe deu, e apostamos em Singhalese. E desde essa data temos tido sempre sorte, de uma maneira geral. Não acha, menino Paulo?

— Ganhamos quando temos a certeza — disse Paulo.

— É só quando não temos bem a certeza, que nos vamos abaixo.

— Oh, mas então temos cautela — disse Bassett.

— E quando é que vocês têm a certeza? — disse o tio Oscar, sorrindo.

— É o menino Paulo, senhor — disse Bassett numa voz de segredo, numa voz religiosa. — É como se Deus lho dissesse. Como aconteceu agora, com Narciso, para a corrida de Lincoln. Foi tão certo como dois e dois serem quatro.

— Apostaste alguma coisa em Narciso? — perguntou Oscar Cresswell.

— Sim, senhor. Ganhei o meu bocado.

— E meu sobrinho?

Bassett mantinha-se obstinadamente calado, olhando Paulo.

— Ganhei mil e duzentas libras, não foi, Bassett?

Disse ao tio que apostava trezentas em Narciso.

— É verdade — disse Bassett, acenando com a cabeça.

— Mas onde está o dinheiro? — perguntou o tio.

— Guardo-o em lugar seguro, meu senhor. O menino Paulo pode recebê-lo a todo o tempo que o peça.

— O quê? Mil e quinhentas libras?

— Com mais vinte! Quer dizer, e mais quarenta, com as vinte que ganhou na corrida.

— É espantoso! — disse o tio.

— Se o menino Paulo lhe propusesse para ser sócio, meu senhor, eu aceitava se estivesse no seu lugar. Queira desculpar... — disse Bassett.

Oscar Cresswell pensou um bocado.

— Mostra-me o dinheiro.

Voltaram no carro para casa, e, não havia dúvidas; Bassett trouxe para a casota do jardim mil e quinhentas libras em notas. A reserva de vinte libras estava depositada na Caixa

— Como o tio vê, dá resultado quando eu tenho a certeza! Então apostamos tudo o que temos. Não é assim, Bassett?

— É assim mesmo, menino Paulo.

— E quando tens tu a certeza? — perguntou o tio, rindo.

— Bem: algumas vezes tenho a absoluta certeza, como aconteceu com Narciso:

— outras vezes, tenho um palpite: e outras nem um palpite tenho. Não é assim, Bassett? Então temos mais cuidado, porque a maior parte das vezes vamos abaixo.

— Basta que sim! E quando tens a certeza, como com Narciso, o que é que te faz ter a certeza, filho?

— Oh, isso não sei — disse o rapaz, inquieto — Tenho a certeza, sabe?, tio. É assim mesmo.

— É como se Deus lho dissesse, meu senhor — reiterou Bassett.

— Dir-se-ia que sim! — disse o tio.

Mas ficou sócio. E quando se aproximava a corrida de Leger, a "certeza" de Paulo recaiu em Lively Spark, que era um cavalo absolutamente insignificante. O rapaz insistiu em apostar mil libras no cavalo, Bassett foi até quinhentas, e Oscar Cresswell duzentas. Lively Spark ficou em primeiro lugar, e a aposta tinha sido de dez para um contra ele. Paulo ganhara dez mil libras.

— Como vê, eu tinha a absoluta certeza a respeito dele — disse para o tio.

O próprio Oscar Cresswell ganhara duas mil libras.

— Ouve lá, filho — disse ele — esta coisa faz-me nervos.

— Não vejo porquê, tio! Talvez que não volte a ter a certeza durante muito tempo.

— Mas que vais tu fazer com o teu dinheiro? — perguntou o tio.

— Claro que principiei isto para a mamã. Disse-me que não tinha sorte porque o pai é infeliz, de maneira que pensei que se eu tivesse sorte, acabariam as murmurações.

— O que é que deixaria de murmurar?

— A nossa casa. Detesto a nossa casa por causa das murmurações.

— O que é que a tua casa murmura?

— Ora... ora — disse o rapaz em tom impaciente — ora, não sei. Mas há sempre falta de dinheiro sabe, tio?

— Bem sei, bem sei, filho.

— Sabe que estão sempre a mandar contas à mãe, não sabe, tio?

— Creio que sim.

— E depois a casa murmura, como as pessoas que se riem nas costas doutras. É terrível! Pensei que se tivesse sorte...

— Podias acabar com isso — acrescentou o tio.

O rapaz observou-o com os seus grandes olhos azuis, que tinham uma chama fria e misteriosa, e não disse mais palavras.

— Bem — disse o tio. — Então o que vamos fazer?

— Não gostaria que a mãe soubesse que tinha sorte — disse o rapaz.

— Por que não, filho?

— Poderia dar-me azar.

— Creio que não daria.

— Oh! — e o rapaz teve uma contração estranha — não quero que ela o saiba, tio.

— Está bem, filho! Arranjaremos as coisas sem ela saber.

Conseguiram-no muito facilmente. Por sugestão do tio, Paulo entregou-lhe mais de cinco mil libras, que ele depositou nas mãos do advogado da família, com o encargo de informar a mãe de Paulo de que um parente lhe entregara aquele dinheiro, com o fim de lhe fazer chegar às mãos mil libras de cada vez, no dia do aniversário da mãe, durante os cinco anos seguintes.

— Desta forma ela terá um presente de anos de mil libras, durante cinco anos sucessivos — disse o tio Oscar. — Oxalá que isso não lhe tome a vida dura depois.

A mãe de Paulo fez anos em Novembro. A casa tinha estado a "murmurar" mais do que nunca ultimamente e, apesar da sua sorte, Paulo não o podia tolerar. Estava ansioso por ver o efeito da carta de aniversário, informando a mãe do presente de mil libras.

Quando não havia visitas, Paulo tomava agora as suas

refeições com os pais, por já ter idade para isso. A mãe ia à cidade quase todos os dias. Descobrira que possuía uma habilidade especial para desenhar artigos de peles e vestuário, de forma que trabalhava secretamente no escritório de uma amiga que era a "artista" mais conceituada junto dos costureiros principais. Desenhava as figuras das senhoras vestidas de peles, de sedas e lantejoulas, para os anúncios dos jornais. Esta jovem artista ganhava alguns milhares de libras por ano, mas a mãe de Paulo só tirava uns centos, e continuava insatisfeita. Desejava tanto ser a primeira em qualquer coisa, e não o conseguia, nem mesmo fazendo esboços para os anúncios dos costureiros.

Na manhã do seu aniversário, desceu para tomar o pequeno almoço. Paulo observava-lhe a expressão, enquanto ela lia as suas cartas. Conhecia a carta do advogado. Quando a mãe a leu, a face endureceu-se-lhe e tomou-se mais inexpressiva. Depois a boca assumiu uma expressão fria, decidida. Escondeu a carta debaixo do maço das outras, e não disse uma palavra a respeito dela.

— Não recebeu uma boa prenda pelo correio, pelos seus anos, mamã? — disse Paulo.

— Assim, assim — disse ela, com voz fria e ausente.

E partiu para a cidade sem dizer mais palavra.

Mas à tarde apareceu o tio Oscar. Disse que a mãe de Paulo tinha tido uma longa entrevista com o advogado, perguntando-lhe se não lhe poderiam ser adiantadas imediatamente todas as cinco mil libras, visto ter dívidas.

— O que acha, tio? — disse o rapaz.

— Isso é contigo, filho.

— Oh, então que as receba! Podemos receber mais alguma para a próxima vez.

— Olha que é melhor um pássaro na mão do que dois a voar, rapaz — disse o tio Oscar.

— Mas tenho a certeza que hei de saber quem ganha a Grande Corrida Nacional; ou a de Lincolnshire; ou então a de Derby. Tenho a certeza que hei de saber uma delas — disse Paulo.

De sorte que o tio Oscar assinou o acordo, e a mãe de Paulo recebeu todas as cinco mil libras. Então aconteceu qualquer coisa de muito curioso. Em casa as vozes ficaram subitamente furiosas,

como um coro de rãs em tarde de Primavera. Houve certos fornecimentos novos, e Paulo teve um professor. Ia, com efeito, para Eton, a escola de seu pai, no Outono seguinte. Houve flores no Inverno, e uma revivescência do luxo a que a mãe de Paulo estivera habituada. E contudo em casa, por detrás dos molhos de flores de mimosa e amendoeira, e debaixo das pilhas de almofadas iridescentes, as vozes garganteavam e exclamavam, numa espécie de êxtase: "E preciso mais dinheiro! Oh! é preciso mais dinheiro. Oh, agora, agora! Agora... é preciso mais dinheiro! — mais do que nunca! Mais do que nunca"!

Isto atormentou Paulo terrivelmente. Enfronhou-se no seu latim e no seu grego com os professores. Mas as suas horas de emoção, passava-as com Bassett. A Grande Corrida Nacional passara, e ele não tivera a revelação e perdera cem libras. O Verão aproximava-se. Paulo vivia em aflição por causa da corrida de

Lincoln. Mas também para esta não recebeu revelação e perdeu cinquenta libras. Andava esgazeado e alheio a tudo, como se qualquer coisa fosse explodir dentro dele.

— Deixa andar, filho! Não te importes com isso! — insistia o tio Oscar. Mas era como se o rapaz não ouvisse o que lhe dizia o tio.

— Tenho que "saber" para o Derby! Tenho que "saber" para o Derby — insistia a criança, com os seus grandes olhos azuis ardendo numa espécie de loucura.

A mãe notou quão sucumbido se encontrava.

— Devias ir para a praia. Não gostarias de ir agora para a praia, em vez de esperar? Acho que seria melhor — dizia ela olhando-o com ansiedade, o coração apreensivo por causa dele.

Mas a criança erguia para ela os seus misteriosos olhos azuis.

— Não posso ir antes do Derby, mamã! Não posso ir!

— Por que não? — disse ela, e a voz tomava-se-lhe grave quando lhe faziam oposição.

— Por que não? Podes ir da praia ver o Derby com teu tio Oscar, se é esse o teu desejo. Não tens necessidade de esperar aqui. Além disso, parece-me que tomas demasiado a peito essas corridas. É mau sinal. A minha família tem sido uma família de jogadores, e só quando fores crescido saberás quanto mal isso lhe tem feito. Mas tem-lhe feito mal. Tenho de mandar Bassett embora e

pedir ao tio Oscar que não te fale em corridas, se não me prometeres ter juízo. Vai para a praia e põe isso de parte. És todo nervos!

— Farei o que quiseres, mamã, desde que não me mandes embora antes do Derby.

— Mandar-te embora donde? Desta casa?

— Sim — disse ele, mirando-a,

— Mas então, ó curiosa criança, o que é que te faz importar tanto com esta casa, assim subitamente? Não sabia que gostavas tanto dela.

Paulo fitou a mãe sem dizer palavra. Tinha um segredo dentro doutro segredo, qualquer coisa que não divulgara, nem mesmo a Bassett ou ao seu tio Oscar. Mas a mãe, depois de alguns momentos de amarga hesitação, disse:

— Então está muito bem! Não vais para a praia senão depois do Derby, se isso te agrada. Mas promete-me que não vais dar cabo dos nervos. Promete que vais pensar menos em corridas de cavalos e nos acontecimentos, como tu lhes chamas!

— Oh, não — disse o rapaz distraidamente. — Vou pensar menos neles, mamã. Não se preocupe. Por mim, não me preocuparia, se fosse a mamã.

— Se tu estivesses no meu lugar e eu no teu — disse a mãe — o que não faríamos nós!

— Mas a mãe sabe que não vale a pena ralar-se, não sabe? — repetiu o rapaz.

— Seria uma grande satisfação para mim sabê-lo — disse ela em tom cansado.

— Oh, pode sabê-lo, sim. Quero dizer, devia saber que não vale a pena ralar-se — insistiu Paulo.

— Devia? Então verei se o consigo.

O segredo dos segredos de Paulo era o seu cavalo de madeira, o cavalo que não tinha nome. Desde que se encontrava emancipado da criada de meninos e da preceptora, fizera remover o cavalo de balanço para o seu quarto de cama, no último andar da casa.

— Evidentemente, já és grande de mais para um cavalo de balanço — objetara a mãe.

— Deixe lá, mamã. Até que eu possa ter um cavalo verdadeiro,

— gosto de ter aqui qualquer espécie de animal — fora a sua estranha resposta.

— Achas que te faz companhia? — disse a mãe rindo.

— Com certeza! É muito bom e faz-me sempre companhia, quando lá estou. Desta forma o cavalo, que se encontrava já um tanto velho, ficou no quarto de

cama do rapaz, detidas as suas cabriolas.

À medida que o Derby se aproximava, o rapaz ia ficando cada vez mais nervoso. Mal prestava ouvidos ao que se lhe dizia, estava muito magro, e os seus olhos tinham um brilho verdadeiramente misterioso. A mãe tinha apreensões súbitas e estranhas a seu respeito. Por vezes, sentia durante meia hora uma súbita ansiedade, ansiedade que era quase angústia. Queria correr para ele imediatamente, para ter a certeza de que estava com vida e saúde.

Duas noites antes do Derby, encontrava-se ela numa grande reunião que se realizava na cidade, quando lhe assaltou o coração uma dessas crises de ansiedade por causa do filho, do seu primogênito, fazendo-a quase perder a fala. Lutou vigorosamente contra esse sentimento, pois acreditava no senso comum. Mas ele foi mais forte do que ela. Teve de deixar o baile e descer ao local onde se encontrava o telefone, para falar para casa. A preceptora das crianças ficou terrivelmente surpreendida e alarmada, ao ouvir o telefone tocar àquela hora da noite.

— As crianças estão bem, miss Wilmot?

— Estão sim, perfeitamente bem.

— E o Paulo está bem?

— Foi deitar-se são. Quer que vá lá acima vê-lo?

— Não — disse a mãe de Paulo com relutância. — Não! Não se incomode. Está muito bem. Não se levante. Devemos estar em casa dentro de pouco tempo. Não queria que ninguém devassasse a vida íntima do filho.

— Muito bem — disse a preceptora.

Era cerca de uma hora quando o pai e a mãe de Paulo se dirigiram para casa. Tudo se encontrava em silêncio. A mãe dirigiu-se para o seu quarto e despiu o casaco branco de peles. Tinha dito à criada para não a esperar. Ouviu o marido no andar de baixo, preparando um whisky com soda.

E então, impelida pela estranha ansiedade que tinha no coração, subiu furtivamente as escadas, em direção ao quarto do filho. Sem fazer barulho, dirigiu-se ao longo do corredor do andar superior. Havia lá dentro um ligeiro ruído. O que seria?

Deteve-se, com músculos contraídos, do lado de fora da porta, escutando. Vinha de lá um ruído estranho, pesado e, contudo, não muito alto. O coração parou-lhe. Era um ruído abafado, mas insistente e poderoso. Qualquer coisa de grandes dimensões, em movimento violento, mas abafado. O que seria? O que seria, Santo Deus? Tinha de o saber. Parecia-lhe conhecer o ruído. Sabia o que era.

Contudo, não era capaz de o localizar. Não era capaz de dizer o que era. E o ruído continuava, como uma loucura.

Devagarinho, gelada de ansiedade e medo, a mãe deu volta ao puxador da porta.

O quarto encontrava-se às escuras, mas no espaço próximo da janela, ouviu e viu qualquer coisa que oscilava para um lado e para o outro. Firmou os olhos, cheia de medo e espanto.

Depois, subitamente, acendeu a luz, e viu o filho, vestido no seu pijama verde, cavalgando loucamente o cavalo de balanço. A claridade da luz iluminou-o subitamente, quando incitava o cavalo de madeira, e iluminou-a, erguendo-se, loura, no seu vestido de pálido verde e cristal, à entrada da porta.

— Paulo! — exclamou. — O, que estarás tu a fazer?

— É Malabar! — gritou, numa voz forte e estranha. — É Malabar!

Os seus olhos brilharam na direção da mãe durante um segundo estranho e vazio, depois que deixou de incitar o cavalo de madeira. Seguidamente, caiu ao chão com um baque, e ela, impelida por todo o seu atormentado amor de mãe, precipitou-se para o apanhar.

Mas Paulo estava inconsciente, e inconsciente ficou, com uma ponta de febre. Falava e agitava-se, enquanto a mãe permanecia rígida a seu lado.

— Malabar! É Malabar! Bassett, Bassett, eu sei! É Malabar!

Assim gritava a criança, tentando erguer-se e incitar o cavalo de balanço que lhe dera a sua inspiração.

— O que é que quer dizer Malabar? — perguntou a mãe compungida.

— Não sei — disse o pai secamente.

— O que é que quer dizer Malabar? — perguntou ela a seu irmão Oscar.

— E um dos cavalos que tomam parte na corrida de Derby.

E, mau grado seu, Oscar Cresswell falou a Bassett e apostou mil libras em Malabar: a catorze contra um.

O terceiro dia da doença foi um dia crítico: estavam à espera de uma mudança. Com o cabelo longo encaracolado, o rapaz agitava-se incessantemente no travesseiro. Não dormia nem recuperava a consciência, e os seus olhos eram como duas pedras azuis. A mãe velava, sentindo ter perdido a coragem, transformada numa verdadeira estátua de pedra.

À noite, Oscar Cresswell não apareceu, mas Bassett mandou à senhora um recado em que lhe pedia para ver Paulo, nem que fosse por um só instante. A mãe de Paulo ficou irritada com a intromissão, mas, pensando melhor, concordou. O rapaz continuava na mesma. Talvez que Bassett lhe pudesse fazer recuperar a consciência.

O jardineiro, homem baixo, com um bigodinho castanho e uns olhitos castanhos muito vivos, entrou no quarto nas pontas dos pés, saudou a mãe de Paulo levando a mão ao seu boné imaginário, e dirigiu-se para a beira da cama, olhando com os olhos pequeninos e brilhantes a criança que se agitava, moribunda.

— Menino Paulo — Ciciou. — Menino Paulo! Malabar ficou em primeiro lugar,

uma vitória limpa. Fiz como me disse. Ganhou para cima de setenta mil libras, ganhou. Tem agora mais de oitenta mil. Malabar ficou à frente de todos, menino Paulo.

— Malabar! Malabar! Não disse que era Malabar, mamã? Não disse que era Malabar? Não acha que tenho sorte, mamã? Eu sabia que era Malabar, não era? Mais de oitenta mil libras! Chama-se ter sorte, não é, mamã? Mais de oitenta mil libras! Eu sabia; não sabia que sabia? Malabar ficou à frente de todos. Se eu cavalgar o meu cavalo até ter a certeza, então digo-te, Bassett, que podes ir tão longe quanto quiseres. Apostaste todo o dinheiro que tinhas, Bassett?

— Apostei mil libras, menino Paulo.

— Nunca te disse, mamã, que se cavalgar o meu cavalo, e chegar lá, então tenho a certeza absoluta — oh, absoluta! Mamã, disse-te alguma vez? Eu tenho sorte!

— Não, nunca me disseste — disse a mãe.

Mas o rapaz morreu aquela noite.

E quando ele jazia morto, a mãe ouvia a voz de seu irmão que lhe dizia: — Meu Deus, Ester! tens oitenta mil libras a mais e um pobre filho a menos. Mas -pobre criança! pobre criança! — mais lhe valeu perder a vida, a ele que tinha de cavalgar o seu cavalo de balanço para descobrir qual era o vencedor.

O AMOR

O amor é a felicidade do mundo. Mas a felicidade não é a integralidade da realização. O amor é um conjuntar-se [*coming together*]. Mas não pode haver um conjuntar-se sem um equivalente disjuntar-se [*going asunder*]. No amor, todas as coisas unem-se em uma unidade de alegria e louvor. Mas elas não poderiam se unir a menos que estivessem previamente apartadas. E, tendo se unido em um círculo integral de unidade, não podem mais avançar no amor. O movimento do amor, como uma maré, realiza-se nessa instância; tem que haver uma vazante.

Assim, o conjuntar-se depende do disjuntar-se; a sístole depende da diástole; a cheia depende da vazante. Não pode haver amor universal e ininterrupto. O mar jamais pode subir em todo o globo de uma vez. O reino incontestado do amor não pode jamais existir.

Porque o amor é estritamente um viajar [*a travelling*], “É melhor viajar do que chegar”, alguém disse. Isto é a essência da descrença. É uma crença no amor absoluto, quando o amor é, por sua natureza, relativo. É uma crença nos meios, mas não no fim. É, estritamente, uma crença na força, pois o amor é uma força unificadora.

Como devemos acreditar na força? A força é instrumental e funcional; ela não é nem um começo nem um fim. Nós viajamos

para chegar; não viajamos para viajar. Ao menos, tal viajar é mera futilidade. Nós viajamos para chegar.

E o amor é um viajar, um movimento, uma pressa de conjuntar-se. O amor é a força da criação. Mas toda força, espiritual ou física, tem sua polaridade, seu positivo e seu negativo. Todas as coisas que caem, caem à terra pela ação da gravidade. Mas a terra, em oposição à gravidade, não repeliu a luz e a manteve à distância nos nossos céus durante todos os *éons* do tempo?

O mesmo com o amor. O amor é a gravitação impetuosa do espírito em direção ao espírito, e do corpo em direção ao corpo, na alegria da criação. Mas se tudo for unido em um único laço de amor, então não haverá mais amor. E, portanto, para aqueles que estão enamorados com o amor *[in love with love*], viajar é melhor do que chegar. Pois ao chegar, ultrapassa-se o amor, ou melhor, envolve-se o amor em uma nova transcendência. Chegar é a alegria suprema depois de todo nosso viajar.

O laço do amor! Podemos conceber pior acorrentamento [*bondage*] que o laço [*bond*] do amor? É uma tentativa de represar a maré alta; é uma vontade de reter a primavera, de não deixar jamais que maio se dissolva em junho, de não deixar jamais que a pétala do espinheiro-branco caia para que se dê a frutificação.

Esta tem sido nossa ideia de imortalidade, este infinito de amor, amor universal e triunfante. E o que é isso senão uma prisão e um acorrentamento? O que é a eternidade senão a passagem sem-fim do tempo? O que é a infinitude senão uma progressão sem-fim pelo espaço? Eternidade, infinitude, nossas grandes ideias de descanso e chegada, o que são senão ideias de um viajar sem-fim? A eternidade é o viajar sem-fim pelo espaço; nada além, por mais que tentemos argumentar. E o que é a imortalidade, na nossa ideia, senão um continuar sem-fim do mesmo tipo? Um continuar, um viver para sempre, um permanecer e durar para sempre — o que é isto senão viajar? Uma assunção ao paraíso, um tornar-se um com Deus — o que é o infinito na chegada? O infinito é não ter chegada. Quando chegamos a descobrir exatamente o que significamos por Deus, pelo infinito, por nossa imortalidade, é um significado de continuidade sem-fim na mesma linha e no mesmo tipo, viajar sem-fim em uma mesma direção. Isto é a infinitude, viajar sem-fim em

uma direção. E o Deus do Amor é a nossa ideia de progressão *ad infinitum* da força do amor. A infinitude é não ter chegada. É tão beco sem saída quanto o poço sem fundo. E o que é a infinitude do amor senão um beco sem saída ou um poço sem fundo?

O amor é uma progressão em direção à meta. Portanto, é uma progressão para longe da meta oposta. O amor viaja em-direção-ao-paraíso. Do que, então, o amor se afasta? Do inferno, o que há lá? O amor é, afinal, um infinito positivo. Qual é, então, o infinito negativo? O infinito positivo e o negativo são o mesmo, já que há apenas um infinito. Por que, então, importaria se viajamos em-direção-ao-paraíso, *ad infinitum*, ou na direção oposta, à infinitude? Uma vez que a infinitude que se atinge é a mesma em qualquer caso, o infinito da pura homogeneidade, que é a ausência de tudo [*nothingness*], ou a presença-de-tudo [*everythingness*], não importa a direção.

Infinitude, o infinito, é não ter meta. É um beco sem saída, ou, em outro sentido, é o poço sem fundo. Cair no poço sem fundo é viajar para sempre. E um beco sem saída agradavelmente murado pode ser um paraíso perfeito. Mas chegar a um protegido e paradisíaco beco sem saída de paz e felicidade imaculada, isto não nos satisfará. E cair para sempre no poço sem fundo da progressão, isto também não servirá.

O amor não é uma meta; é apenas um viajar. De modo semelhante, a morte não é uma meta; é um viajar disjuntivo [*travelling asunder*] rumo ao caos elemental. E a partir do caos elemental, tudo é jogado novamente na criação. Assim, também a morte não é senão um beco sem saída, um cadinho [*melting-pof].*

Há uma meta, mas a meta não é nem o amor nem a morte. É uma meta nem infinita nem eterna. É o reino de calmo deleite, é o reino-outro da bem-aventurança. Nós somos como uma rosa, que é um milagre de pura centralidade, puro equilíbrio absolvido. Equilibrada na perfeição em meio ao tempo e espaço, a rosa é perfeita no reino da perfeição, nem temporal nem espacial, mas absolvida pela qualidade da perfeição, pura imanência da absolvição.

Nós somos criaturas de tempo e espaço. Mas nós somos como uma rosa; nós efetuamos a perfeição, nós chegamos ao absoluto.

Nós somos criaturas de tempo e espaço. E nós somos, ao mesmo tempo, criaturas de pura transcendência, absolvidos do tempo e espaço, perfeccionados no reino do absoluto, o mundo-outro da bem-aventurança.

E o amor, o amor é envolvido e ultrapassado. O amor sempre foi envolvido e ultrapassado pelos bons amantes. Nós somos como uma rosa, uma chegada perfeita.

O amor é múltiplo, não é apenas de uma espécie. Há o amor entre homem e mulher, sacro e profano. Há o amor cristão, “Amarás o teu vizinho como a ti mesmo”. E há o amor de Deus. Sempre, porém, o amor é um conjugar-se *[a joining together].*

Somente na conjunção de homem e mulher o amor manteve uma dualidade de significação. Amor sacro e amor profano, eles são opostos, e ainda assim ambos são amor. O amor entre homem e mulher é a maior e mais completa paixão que o mundo jamais verá, porque é dual, porque é de dois tipos opostos. O amor entre homem e mulher é a batida de coração perfeita da vida, sístole, diástole.

O amor sacro é altruísta, não buscando o seu próprio. O amante serve sua amada e busca a comunhão perfeita de unidade com ela. Mas o amor integral entre homem e mulher é sagrado e profano conjuntamente. O amor profano busca o seu próprio. Eu busco meu próprio na amada, eu contendo com ela para arrancá-lo dela *[I wrestle with her to wrest it from hei*]. Nós não somos nítidos, nós somos mesclados e misturados. Eu sou na amada também, e ela é em mim. O que não deveria ser, pois, isto é, confusão e caos. Portanto, eu me recolherei inteiro e liberto da amada, ela deve se destacar em contradição absoluta a mim. Há crepúsculo em nossas almas, nem claro nem escuro. A luz deve concrescer na pureza, o escuro deve permanecer do outro lado; eles devem ser dois inteiros em oposição, nenhum compartilhando do outro, mas cada um destacado em seu próprio lugar.

Nós somos como uma rosa. Na pura paixão pela unidade, na pura paixão pela instintividade e pela separação, uma paixão dual de inexprimível separação e conjunção amorosa dos dois, a nova configuração toma lugar, a transcendência, os dois em sua perfeita singularidade, conduzidos a um incomparável paraíso de uma floração-de-rosa.

Mas o amor entre um homem e uma mulher, quando é integral, é dual. É a fusão na pura comunhão, e é a fricção da completa sensualidade, ambos. Na pura comunhão, eu me torno integral no amor. E na pura, feroz paixão da sensualidade, eu sou consumido na essencialidade. Eu sou impelido da matriz para a distinção pura e separada. Eu me torno meu eu singular, inviolável e único, como as gemas foram talvez uma vez impelidas para suas formas próprias a partir da confusão de terras. A mulher e eu, nós somos a confusão de terras. Então, no fogo de seu extremo amor sensual, na fricção de chamas intensas, destrutivas, eu sou destruído e reduzido à essencial alteridade da amada. É um fogo destrutivo, o amor profano. Mas é o único fogo que irá purificar-nos na singularidade, fundir-nos, a partir do caos, em nossa própria e única separatividade-gema de ser *[our own unique gem-like separateness of being],* todo amor integral entre homem e mulher é, assim, dual, um amor que é o movimento da dissolução, da fusão conjunta na unidade, e um amor que é a gratificação intensa, ficcional e sensual de ser incinerado, incinerado até formar a claridade separada de ser; alteridade e separatividade impensáveis. Mas nem todo amor entre homem e mulher é integral. Pode ser todo delicado, o amalgamar na unidade, como São Francisco e Santa Clara, ou Maria de Betânia e Jesus. Pode não haver nenhuma separatividade descoberta, nenhuma singularidade adquirida, nenhuma alteridade única admitida. Este é um meio amor, o que é chamado de amor sacro. E este é o amor que conhece a felicidade mais pura. De outro lado, o amor pode ser todo uma batalha amorosa de gratificação sensual, a bonita, mas mortal contraposição do macho contra a fêmea, como Tristão e Isolda. Estes são os amantes que alcançam o máximo de orgulho, eles portam os maiores estandartes, eles são seres-gema, ele puro macho destacado e separado em uma soberba isolação-joia de masculinidade arrogante, ela puramente mulher, um lírio equilibrado no orgulho oscilante de beleza e perfume da feminilidade. Este é o amor profano, que termina em tragédia flamejante e dilacerante, quando os dois que estão assim destacados são finalmente dilacerados pela morte. Mas se o amor profano termina em tragédia aguda, entretanto o amor sacro termina em uma ânsia pungente e em uma intensa aflição submissa. São

Francisco morre e deixa Santa Clara com seu puro sofrimento.

Deve haver dois em um, sempre dois em um — o doce amor da comunhão, e o feroz, orgulhoso amor de realização sensual, ambos juntos em um só amor. E aí somos como uma rosa. Nós ultrapassamos até mesmo o amor, o amor é envolvido e ultrapassado. Nós somos dois que temos uma pura conexão. Nós somos dois, isolados como gemas em nossa alteridade impensável. Mas a rosa nos contém e nos transcende, nós somos uma rosa, para além.

O amor cristão, o amor fraternal, este é sempre sagrado. Eu amo meu vizinho como a mim mesmo. E então? Eu sou ampliado, eu me ultrapasso, eu me torno integral na humanidade. Na integralidade da perfeita humanidade, eu sou integral. Eu sou o microcosmo, a epitome do grande microcosmo. Eu falo da perfectibilidade do homem. O homem pode se tornar perfeito no amor, ele pode se tornar uma criatura só de amor. Então a humanidade será uma só integralidade de amor. Este é o futuro perfeito para aqueles que amam seus vizinhos como a si mesmos.

Mas, oras! Embora eu possa ser o microcosmo, o modelo de amor fraternal, há em mim essa necessidade de me separar e de me distinguir em singularidade-gema, distinta e à parte de todo o resto, orgulhoso como um leão, isolado como uma estrela. Esta é uma necessidade dentro de mim. E essa necessidade não é realizada, ela se torna cada vez mais forte e se torna dominante.

Então odiarei o eu que eu sou, odiarei poderosa e profundamente esse microcosmo que eu me tornei, esta epitome da humanidade. Quanto mais eu persistir na adesão ao meu conquistado eu de amor fraterno, mais eu me odiarei enlouquecidamente. Ainda assim persistirei representando uma humanidade integralmente amante, até que a não realizada paixão por singularidade me impila à ação. Então, eu odiarei meu vizinho como odeio a mim mesmo. E então, acontece a desventura entre meu vizinho e eu! Os que eles querem destruir, os deuses enlouquecem primeiro. E assim é que nós enlouquecemos, sendo impelidos à atividade pela reação subconsciente contra o eu que mantemos, sem nunca cessar de manter esse eu detestado. Somos aturdidos, atordoados. Em nome do amor fraterno, nos precipitamos

nas atividades assombrosamente cegas do ódio fraterno. Somos enlouquecidos pela cisão, a dualidade em nós mesmos. Os deuses desejam nos destruir porque os servimos bem demais. Que é o fim do amor fraterno, *liberté*, *fratemité, égalité.* Como pode haver liberdade quando não sou livre para ser outro que não fraternal e igual? Se eu devo ser livre, devo ser livre para ser separado e desigual no melhor sentido. *Fratemité e égalité*, estas são a tirania das tiranias.

Deve haver amor fraternal, uma integralidade da humanidade. Mas deve haver também individualidade pura e separada, separada e orgulhosa como um leão ou um gavião. Deve haver ambas. Na dualidade reside a realização. O homem deve agir em conjunto com o homem, criativamente e com felicidade. Esta é a felicidade maior. Mas o homem deve também agir separadamente e distintivamente, apartado de todo outro homem, destacado e responsável por si e orgulhoso de um orgulho inextinguível, movendo-se por si só sem referência ao seu vizinho. Estes dois movimentos são opostos, ainda que não neguem um ao outro. Nós temos entendimento. E se nós entendemos, então equilibramos perfeitamente entre os dois movimentos, somos indivíduos destacados e isolados, somos uma grande humanidade concordante, ambos, e então a rosa da perfeição nos transcende, a rosa do mundo que ainda não floresceu, mas que florescerá a partir de nós quando começarmos a entender ambos os lados e vivermos em ambas as direções, livremente e sem medo, seguindo os desejos mais íntimos de nosso corpo e espírito, que chegam a nós vindos do desconhecido.

Por fim, há o amor de Deus; tornamo-nos integrais com Deus. Mas Deus como O conhecemos é ou amor infinito ou poder e orgulho infinitos, sempre um ou outro, Cristo ou Jeová, sempre uma metade excluindo a outra. Assim, Deus é para sempre ciumento. Se amamos um Deus, devemos odiá-lo mais cedo ou mais tarde, e escolher o outro. Esta é a tragédia da experiência religiosa. Mas o Espírito Santo, o incognoscível, é singular e perfeito para nós.

Existe aquilo que não podemos amar, porque ultrapassa tanto o amor quanto o ódio. Existe o desconhecido e o incognoscível que propele toda criação. Isto não podemos amar, podemos apenas aceitar como um termo de nossa própria limitação e ratificação. Nós

apenas podemos saber que, a partir do desconhecido, desejos profundos penetram em nós, e que a realização desses desejos é a criação realizadora. Sabemos que a rosa floresce. Sabemos que somos incipientes no florescer. É nossa tarefa seguir do modo como somos impelidos, com fé e moralidade puramente espontânea, sabendo que a rosa floresce, e tomando tal conhecimento como suficiente.

Fim